

ICONHA

MEPES

avaliação

das

e.f.r.

1972

## ÍNDICE

<u>ASSUNTOS</u>	<u>PÁGINAS</u>
AGOS MONITORES DO MEPES .....	
1 - INTRODUÇÃO .....	2
11 - AVALIAÇÃO DAS EVR .....	
1. OBJETIVOS E PLANEJAMENTO .....	4
2. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA E ASPECTOS CURRI- CULARES .....	10
2.1. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA .....	10
2.2. ASPECTOS CURRICULARES .....	12
3. ASPECTOS DISCIPLINARES .....	15
4. PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS NA COMUNIDADE .....	19
5. A ESCOLA E OS EX-ALUNOS .....	21
6. PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA EDUCAÇÃO .....	22
7. PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA ..	24
8. ATIVIDADES COM AGRICULTORES .....	26
9. ESCOLA E COMUNIDADE .....	27
10. ESCOLA E COMITÊS DE DESENVOLVIMENTO .....	31
11. ESCOLA E PREFEITURA MUNICIPAL .....	31
12. ESCOLA E ACARNS .....	33
13. ESCOLA E VIGÁRIO LOCAL .....	34
14. RELACIONAMENTO DA ESCOLA COM OUTRAS ENTIDADES .....	35
15. RELACIONAMENTO DA ESCOLA COM O SECR. EXECUT. MEPES.	36
16. APROVEITAMENTO DA PROPRIEDADE DA ESCOLA .....	38
17. ORIENTAÇÃO RELIGIOSA NAS ESCOLAS .....	40
18. ESCOLA E PASTORAL .....	43
<u>ANEXO - METODOLOGIA DA AVALIAÇÃO</u>	

AOS MONITORES DO MEPES

Está aqui uma avaliação das EFR em 1972.

Foi feita pelas equipes de cada EFR. A mim competiu organizar as avaliações, compará-las entre si e, algumas vezes, fazer alguns comentários adicionais. Tudo isso pode estar bom, ruim ou indiferente. Para concluir-se alguma coisa a respeito, este trabalho deve ser lido, criteriosamente, criticado e discutido. Deve ser feita "uma avaliação da avaliação".

É parte de minha colaboração para os monitores e para o MEPES.

Pode ser considerado um trabalho "muito grande"; chato de ser lido. Porém, maiores foram as atividades das escolas. Foram chatas? Vale a pena lembrar para não repetir erros? Isso todos e cada um, de maneira adulta, devem decidir: ler e aproveitar o trabalho; não simplesmente deixar passar, como mais um dos tantos relatórios que chegam na escola e vão para o "arquivo de papéis intocados e não lidos".

Eu proporia que, dentro de um mês, a contar do dia 6 de abril, se fizesse algo, concretamente, para discutir este trabalho. No entanto, se quiserem, podem aguardar o método que a Secretaria Executiva do MEPES ou a Junta Diretora, venham a pensar para utilizar este trabalho.

Coloco-me à disposição de vocês, para discutirmos clara e diretamente quaisquer questões. Abordagem indireta de problemas torna-os nebulosos. Para dissipar névoas o melhor é um "papo" franco, cordial e direto.

Obrigado pela colaboração de vocês.

Agradei muito, mesmo.

Coloco minha colaboração sob o julgamento de todos

vocês.

Alberto P. de Albuquerque

Anchieta, fevereiro-março de 1973.

## MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO - MEPES

### AValiação DE ALGUNS ASPECTOS IMPORTANTES DAS ESCOLAS-FAMILIAS REBRATS NO ANO DE 1972

#### I - INTRODUÇÃO

1. Ao fazermos esta avaliação das atividades das EFR em 1972 pretendemos ter uma análise do passado que nos permita orientação positiva este ano e também nos anos futuros. Se não nos voltarmos sobre as falhas do passado estaremos condenados a repeti-las. Se não nos voltarmos sobre os acertos do passado não poderemos aperfeiçoá-los no presente e no futuro.

A descrição da METODOLOGIA utilizada na avaliação, a quem interessar conhecê-la, encontra-se em anexo ao final deste trabalho.

A avaliação desenvolve-se em 18 itens, facetas das mais importantes, que compõem o conjunto das EFR. Estes 18 itens (que são os 18 conjuntos nos quais foram divididas as 106 perguntas do questionário) são apresentados de forma diferente de como se apresentam (ou poderiam se apresentar) nas fórmulas estatísticas, também importantes, que são as DAS ou DOs ou outros relatórios.

Relativos a cada item são feitas algumas citações, extraídas de documentos que podem ser considerados como bases teóricas do MEPES: o Caderno nº 8 do CEAS ("Chance aos Agricultores", Salvador, Bahia - outubro de 1970), o "Regimento Interno das EFR do MEPES" e mesmo alguns relatórios das reuniões mensais dos coordenadores das EF em 1972. (Há outros documentos que podem ser considerados "teóricos", mas aqui não foram utilizados, por exemplo: os documentos elaborados em nossas "SEMANAS DE APROFUNDAMENTO"). Com isso queremos colocar, frente a frente, teoria e prática. E verificarmos o que fomos e o que deveríamos e poderemos ser.

2. O "universo" de nossa avaliação é formado pelas atuais 8 Escolas-Famílias do MEPES. São elas:

a) EFR de Caminho de Icoha (no Sul do Estado). Contou em 1972 com 13 alunos no 1º ano e 14 no 2º. A equipe era composta por cinco monitores: Sérgio Zamberlan, coordenador da equipe, Josué M. Ferreira, Etelvino Ferraz, Roberto Tessari e Célio Oliveira Martins. Des das cinco monitorias quatro responderam ao questionário, pois Célio desligou-se da Escola antes do término do ano.

b) EFR "Osmar Longu", localizada na sede do município de Rio Novo do Sul. Em 1972 frequentaram esta Escola 25 alunos no 1º ano e 14 no 2º ano. A equipe, de 5 monitores, era formada por João Bortolote (coordenador), Inácio Pompeu, Juvenal Dall'Col, Antônio Weiler e Getúlio de Oliveira, que responderam ao questionário. Nos últimos 3 meses do ano fez parte da equipe, como estagiário, o volun

timos 3 meses do ano fez parte da equipe, como estagiário, o voluntário italiano Ermete Ronchi.

c) EFR de Alfredo Chaves, na sede deste município (Sul do Estado). Em 1972, a escola teve 13 alunos no 1º ano e 17 no 2º (ao final do ano). Cinco monitores compunham a equipe: Ivane Luis Gonçalves (coordenador), Cleber Ircio Carrara, Maria Regina Nogueira, Mário Zuliani e Moysés Palaoro (estagiário). Umberto Noventa fez parte da equipe até maio, sendo transferido nesta época para a EF de Economia Doméstica de Iconha. (Este último, obviamente, não respondeu o questionário com a equipe da EFRAC).

d) EFR de Economia Doméstica, na sede do município de Iconha (sul). A Escola contou, em 1972, com 13 alunas no 1º ano e 24 no 2º. A equipe compunha-se, no 1º semestre, de seis monitoras e 1 monitor: Aurea de Oliveira Martins (coordenadora), Regina Fiorin (até abril, quando foi transferida para a Escola de Economia Doméstica do Km 41 do município de São Mateus), Elazir Brandão Farias, Josselim Maria Cassa, Ir. Thereza Rezende, Cleidi P. de Albuquerque e Umberto Noventa. A equipe reiniciou os trabalhos no segundo semestre sem Cleidi, que assumiu o Setor de Publicações do MEFPS. Retornou à equipe a Maria Marcon, que fora fazer um curso de aprofundamento no CEAS, em Salvador, Bahia. Esta equipe, para responder ao questionário, cindiu-se em duas, por razões que se podem deduzir na análise de seus dois questionários. Por este motivo temos não 8, mas 9 questionários. Designaremos os questionários destas equipes como "ICONHA 1", respondido por AUREA, ELAZIR e JOSSELEM e "ICONHA 2", questionário respondido por Ir. Thereza e Maria Marcon. Umberto Noventa não estava presente à época em que foram distribuídos os questionários, pois viajou para a Itália em fins de novembro.

e) EFR de Olivânia, no município de Anchieta (Sul). Cursaram a Escola em 1972, 16 alunos no 1º ano e 14 no 2º. Os monitores, em número de 4 ao final do ano, eram: Antônio Libardi (coordenador), José Ircio Fachin, Cotardo Marques Brum e Devaldir dos Passos. Até maio foi monitor e coordenador da Escola o Engº Agrº Antônio dos Santos Moura, cedido, conforme protocolo assinado entre MEFPS e ACARES, até aquela época, pela ACARES ao MEFPS. Também compôs a equipe, em parte do 1º semestre, o monitor Demostines Rolla, transferido depois para a EFR do Bley, município de São Gabriel da Palha, no norte do Estado, inaugurada em 1972.

f) EFR de Jaguaré, município de São Mateus, no norte do Estado. Escola nova, inaugurada em 1972. Contou, no seu 1º ano de funcionamento, com 22 alunos. Da equipe, formada por 3 monitores, faziam parte: Valentin Augusto Marinato (coordenador), Wilson Tavares e Antônio César Bissoli.

g) EFR de Economia Doméstica, em Nestor Gomes (Km 41), município de São Mateus. Escola nova. Em seu primeiro ano de funcionamento matriculou 16 alunas. A equipe era formada por Regina Maria Fiorin (coordenadora), transferida de Iconha em abril, Gabriela Nenon e Maria Stelzer.

h) EFR do Bley, município de São Gabriel da Palha, também no norte do Estado. Em 1972, ano da inauguração, a escola teve 20 alunos. Começou a funcionar com uma equipe de 3 monitores: Valmir de Araújo (coordenador), Demostines Rolla e José Braz Bortolotto. Nos próximos 3 meses do ano engajou-se na equipe o estagiário (voluntário italiano) Alcide Cíviero.

3. Devemos considerar que esta é a primeira tentativa de avaliação, mais ou menos científica, que fazemos no MEFES. "Mais ou menos científica" porque apresenta, em muitas partes, uma visão geral e, portanto, superficial dos problemas e aspectos estudados. Tentamos levantar um ano de atividades na base da memória e impressões pessoais dos operadores. Ninguém contava, realmente, com critérios uniformes para avaliação de suas atividades. Perdemos a riqueza dos dados levantados nós a nós. Um indicador desta imprecisão pode ser apontado, por exemplo, como sendo a confusão existente entre meios e fins, entre a cura da doença e o remédio aplicado: nda nos diz, no caso, que a aplicação de certos remédios tenha significado que conseguimos a cura, que a aplicação de certos meios (aulas, serões etc.) tenha significado o alcance dos objetivos propostos (promoção, conscientização etc.). Mas, como foi dito, é uma primeira avaliação. Com base nesta poderemos estabelecer, depois de um estudo, alguns instrumentos aptos a levantarmos dados para fazermos uma avaliação mais científica, com melhores resultados.

4. "A história de um homem do interior que des-  
perta para o progresso e que se compara com os mais favorecidos,  
os que estão na frente dele, é a tentativa de responder a uma per-  
gunta que o acompanha de uma forma quase obsessiva: que posso fa-  
zer? estou já condenado ou tenho ainda condições de participar  
num processo de realização mais completa?"

"A resposta, muitas vezes, é a fuga ou o deses-  
pero. Mas o abandono da própria terra para um lugar que ofereça o  
bem-estar almejado só faz exacerbar as divisões sociais do nosso  
tempo, intensificando a desproporção entre áreas atrasadas e avan-  
çadas. A segunda posição não desperta o homem, sufocando qualquer  
perspectiva de progresso e promoção.

"A história do MEFES também é uma tentativa de  
resposta à mesma pergunta angustiante. O dilema dramático veio a  
ser superado, concentrando-se a atenção sobre o elemento mais a-  
proveitável e rentável das áreas subdesenvolvidas, o Capital Huma-  
no. Um grande capital esquecido e abandonado, que tem que ser des-  
coberto, dinamizado, educado e canalizado para as vias do progres-  
so. É o homem marginalizado que tem que ser recuperado e transfor-  
mado em agente ativo de sua história e de seu progresso.

"O Movimento do MEFES nasceu desta preocupação  
e com a pretensão de dar a sua modesta contribuição para a solução  
deste problema vital". (Caderno nº 8 do Centro de Estudos e Ação

Social - CEAS, "Chance aos Agricultores", pág. 1 - Salvador, Bahia, outubro 1970, doravante citado como CEAS).

"A visão do homem como valor absoluto do mundo é o ponto fundamental da filosofia do MIEPES. A lei constante de orientação é a pessoa humana como fim e não como meio, homem livre e criador, operador da história como sujeito, e não só objeto, re-presentando o termo final da evolução e não um simples fator cons-titutivo". (CEAS, pág. 7).

"Deve-se ter presente que a base das E.F. é:  
- A vida amadurece e faz crescer mais que a Escola e o Mestre;  
- A responsabilidade é a base do desenvolvimento;  
- O importante é o conjunto e não só uma minoria.

Por isso a E.F. se realiza como empreendimento de formação e desenvolvimento. Para o aluno é mais importante o desenvolvimento das próprias capacidades e de cada possibilidade que se lhe apresenta do que as informações". (Regimento Interno das EFR do MIEPES, letra A, Introdução, doravante citado como Reg.Int.).

"As Escolas-Famílias pretendem desenvolver um trabalho educacional no meio rural, contando com a participação das famílias dos agricultores que constituem a comunidade, da equipe dos monitores e dos alunos. Todos participam desta ação comu-nitária educativa e de desenvolvimento buscando a promoção do homem do campo. Não se trata, pois, de um trabalho estritamente escolar nos moldes tradicionais, mas deve transbordar para o meio rural, procurando atingir não só os jovens, mas envolver toda a comuni-dade em um trabalho comum". (Reg.Int. item 1).

-----00000000-----

## II. AVALIACÃO DAS EFR

### 1. Objetivos e Planejamento

"A concepção do homem como artífice principal da sua promoção conjuga-se na filosofia do MIEPES à visão de uma co-munidade responsável e globalmente engajada no processo de sua e-volução. Não uma comunidade estática ou desencarnada, mas sim ner-gilhada no mundo concreto de hoje, embora condicionada pela situa-ção sócio-econômica em que se encontra. A realidade a ser encarada é dura e empolgante, feita de graves contrastes, num desequilíbrio profundo entre grupos e áreas do mundo: contrastes entre ricos e pobres, entre marginalizados e abastados, numa tensão alimentada pela ignorância, doenças, guerras e opressão". (CEAS, pág. 7)

"A equipe toda se reúne periodicamente para uma avaliação para que haja uma unidade de finalidade com mesmo empe-nho". (Reg.Int., item 47).

"A equipe apresenta, para aprovação, à Secretaria Executiva do MEPES e aos pais, o programa didático da Escola elaborado com o C.A.E.F. (Conselho Administrativo da Escola Família)". (Reg. Int. Item 50)

"A equipe se compromete integrar-se à filosofia do MEPES, atuar em conformidade com ela e defini-la". (Reg. Int. Item 57).

"É também responsável pelo progresso e pelo desenvolvimento do Movimento (MEPES). Isso requer sua colaboração ativa e assunção de todas as responsabilidades que lhe forem pedidas porque ela é solidária com os ideais do MEPES". (Reg. Int. Item 58).

"A especulação filosófica, a teoria, não pode caminhar sozinha, mas deve ser acompanhada inteligentemente pela prática. A experiência, por sua vez, deve ser assistida pela crítica. O MEPES coloca este princípio de 'alternância' como constante básica na evolução do Movimento: é um tipo de 'diálogo', obrigando base e cúpula a uma atitude humilde de aproximação controlada de valores teóricos e programas concretos". (GEAS, pág. 8).

\*\*\*

A pergunta nº 1 ("Em 1972 nessa EF iniciou seus trabalhos com base em um planejamento. Tal planejamento visava atingir alguns objetivos para este ano. Isto é verdadeiro?") oito equipes responderam afirmativamente. A exceção, com um "não", foi a equipe da EFR de Economia Doméstica do HEMAL.

QUADRO I

EQUIPES	OBJETIVOS PLANEJADOS		OBJETIVOS NÃO PLANEJADOS (atingidos)	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Campinho	1	0	1	0
Rio Novo	1	0	1	0
Alf. Chaves	1	0	1	0
Iconha 1	1	0	1	0
Iconha 2	1	0	1	0
Olivânia	1	0	0	1
Jaguare	1	0	1	0
Ka 41	0	1	0	0
Bley	1	0	1	0
TOTAL	8	1	7	1

(\*) Ka 41 substituiu o planejamento.

Este ponto, objetivos e planejamento, é o mais sensível de todos que se apresentaram para a análise. É, na verdade, o ponto chave da avaliação e, ao mesmo tempo, a demonstração de que já foi dito na Introdução (item 3) - nossa avaliação está longe de ser "científica" nos seus resultados, pois os dados são levantados na base da memória, com pouca objetividade. Há uma grande confusão entre meios e fins, entre objetivos genéricos e específicos. Mas este é um primeiro teste. Em cima dele traçaremos algumas linhas que nos permitirão buscar melhores resultados em avaliações posteriores. Mas há validade neste trabalho, muita coisa já poderemos apontar a partir dele.

Campinho - Como objetivos traçaram: ativar a metodologia da EF, em particular o Plano de Estudo; exploraram a propriedade racionalmente e tomar iniciativas para o desenvolvimento da comunidade, transformando a EF em "alavanca do desenvolvimento". Os objetivos foram atingidos "parcialmente" (o que, como critério, não tem significado, pois faltam indicadores precisos para definir o sentido desta palavra). Isto foi feito "através do engajamento da equipe e participação da comunidade e, em particular, dos alunos"

Houve outros objetivos não planejados e atingidos: viagem de estudos a S. Paulo e curso de culíndria, graças "à colaboração de pessoas externas a Escola (Ir. Theresina, pessoal de São Paulo e outros), engajamento da equipe, dos alunos e da comunidade". Esta mesma equipe, no item 2 abaixo (Organização do Trabalho na Escola) aponta como falhas: "insuficiente entrosamento entre membros da equipe, níveis de cultura e engajamento diferentes", o que explica, de certa forma, ou melhor, lança alguma luz sobre "objetivos parcialmente atingidos."

Rio Novo - Apontaram uma série de objetivos, em enorme confusão entre objetivos específicos (1972) objetivos gerais (o que a Escola pretende a longo prazo), e, também, confusão entre meios e fins. Esperamos, e não temos condições de dizer se foi ou não foi, que isso seja o reflexo de confusão na ação. Na verdade esta equipe declarou ter desenvolvido uma série enorme de atividades. Além das aulas ("educar o aluno para que tenha consciência e convicção, como homem inteligente, adquira uma sensibilidade dos problemas humanos - sociais, técnicos e econômicos - e sinta que é responsável pelo desenvolvimento do meio que o cerca, para seu próprio bem-estar"), serões, visitas às famílias e reuniões de pais, programaram excursões, curso para agricultores, cursos para jovens de 20 a 30 anos ("oportunidade para adquirirem novos conhecimentos no campo social, técnico, econômico e humano - Criar associativismo, criar líderes rurais; fazer com que estes jovens descubram o valor da educação etc. etc."), atividades com a AJA, Associação de Jovens Agricultores ("criar união entre jovens para solucionar problemas sociais, técnicos e econômicos etc!"), curso de treinamento de líderes, assistência técnica aos pais, atividades com ex-alunos, encontro de conscientização (estudar econômica, política e socialmente as situações do município), atividades com grupos de jovens da sede ("unir a juventude, fazer sair do comodismo, fazê-los conscientes dos problemas existentes e procurar sua participação"), formação de um Conselho de Desenvolvimento ("preparar as lideranças locais para

assumir responsabilidades do desenvolvimento municipal"). Estes eram os objetivos e a equipe considerou-os atingidos o que, se fosse verdade, já poderia ter sido fechada a Escola, por ter atingido plenamente todos os seus fins... Mas consideremos, genericamente, como os objetivos tenham sido atingidos "parcialmente", sem sabermos exatamente o que isso significa.

Em tempo; a equipe diz que a escola trabalhou para formação de "grupinhos" do GFT (Grupo de Financiamento de Tratamentos) tendo atingido os objetivos (quais?) "através de reuniões e palestras para a formação dos grupinhos".

Alfredo Chaves - Os objetivos foram traçados em torno da Escola; atividades em casa, atividades com os pais e com jovens e adultos.

Na Escola pretendiam incentivar o espírito cooperativo nos alunos através de atividades concretas; despertar os alunos para os problemas que o cercam e ajudar a maior compreensão dos problemas através de serões; acompanhamento de projetos técnicos; estágio em propriedades agrícolas desenvolvidas; atividades sociais. Consideraram parcialmente atingidos e "despertar os alunos para os problemas que o cercam" tendo sido convidadas pessoas da comunidade da sede a dar serões e aproveitaram as oportunidades que apareceram(?). Para acompanharem projetos técnicos, planejaram e executaram os mesmos na propriedade da escola (ver item 16 - "Aproveitamento da Propriedade da Escola"). Para as atividades sociais organizaram festas dançantes e encontros com outras escolas.

Em casa o propósito era formar grupos de animação onde os alunos tivessem a liderança; pretendiam, através de desenvolvimento de projetos técnicos, desenvolver os os dotes de empreendedor dos alunos e oferecer campo de demonstrações para os agricultores. Somente este objetivo foi atingido, parcialmente(?). A equipe planejou os projetos na escola e fez visitas às propriedades dos alunos para a assistência.

Com os pais pretendiam discutir a educação dos filhos, a metodologia das escolas e sua gestão. Com eles pretendiam formar grupos de animação. Só a primeira parte (discussão) foi atingida parcialmente, através de reuniões com grupos de pais na comunidade e reuniões periódicas na Escola.

Com jovens e adultos: desenvolver a cultura, sociabilidade, conhecimentos gerais e aumentar conhecimentos técnicos; desenvolver o espírito cooperativista objetivando a comercialização dos produtos; grupos técnicos para atender aos pedidos dos agricultores; cursos de treinamento para monitores de grupos de jovens para oferecer técnicas adequadas e condições de liderança. De tudo isso atingiram parcialmente a formação de grupos técnicos, com os quais realizaram cursos para os agricultores nas localidades e com viagens para conhecer outras realidades. Realizaram cursos técnicos incluindo alguns ex-alunos. (Ver item 5 - "Atividades com ex-alunos").

A equipe apresentou um planejamento bem elaborado, específico, embora não tivesse cumprido a maior parte. Os objetivos atingidos o foram "parcialmente" onde ficamos, novamente, sem saber o que isto significa.

Isconha 1 - Traçaram objetivos gerais com alunas e pais. Com alunas, por exemplo: "promoção e formação das alunas; favorecer um conhecimento e inserimento na sociedade (envolvendo as famílias)". Com pais: "torná-los agentes educacionais; agentes ativos no desenvolvimento da

comunidade" e outros. Não nos estenderemos muito neste ponto pois, o que esta equipe fez foi colocar uma série de pontos que devem constar de um documento onde se traçam linhas muito gerais. Isso é importante, porque faltou a equipe dizer o essencial: o que foi atingido? como? A utilização, por exemplo, do PE como meio para levar "a aluna a olhar mais o mundo e a realidade que a cerca (consciência crítica)" já é quase lugar comum, como modo de falar, para todas as equipes. Se isso for se repetindo, sem ter-se em mente, concretamente, o que isso significa, será mais uma frase vazia a fazer parte de nossos documentos e relatórios. Essa observação vale, também, para outras equipes.

A equipe trabalhou bem, entretanto, com o que consideraram "objetivos não planejados e atingidos": cursos nas comunidades, dados pelas próprias alunas; formação de uma sociedade de alunas; curso feito por uma aluna, fora da escola, com a responsabilidade de transmitir às colegas; PE como centro de interesse da sessão (isso não foi planejado?); ênfase nos cursos profissionais.

Foram dados cursos de lideranças para as alunas, com treinamento na escola e visitas. Foram feitas reuniões com os pais, com as alunas, mostrando as vantagens da sociedade e assistência dos monitores. Foi feito estudo, reuniões e planejamento das próximas sessões com orientação de Umberto Koventa. Os cursos profissionais foram incentivados e abriu-se um 'salão de beleza'; foram dados cursos e treinamentos contínuos de corte e costura, arte de confeitar bolo e trabalhos manuais. Tais objetivos não planejados, perguntamos, até que ponto se entrosam com os demais objetivos, gerais e específicos, que se podem deduzir dos gerais? Concretamente: como a equipe avalia os benefícios produzidos pelo 'salão de beleza' ou pela 'arte de confeitar bolos' em função da "promoção e formação das alunas" ou, como no PE, "levar a aluna a olhar mais o mundo e a realidade que a cerca (consciência crítica)"? Fica a pergunta.

Isolcha 2 - Em geral, esta equipe (ou meia equipe) insere-se no mesmo espírito da outra meia-equipe (Isolcha 1). Consideram atingidos objetivos como: promoção das alunas material e profissionalmente; transmitiram conhecimentos a algumas comunidades; "têm dúvidas a respeito da promoção existê e também da formação das alunas para promoção das comunidades". Gostaríamos que houvesse algo concreto em face das dúvidas.

Quanto aos objetivos não planejados a equipe esclareceu que houve uma "tentativa de experiência de um grupo de trabalhos manuais (6 alunas do 2º ano) para formar uma futura associação entre elas. Este grupo dedicou-se, mensalmente, durante uma semana fazendo trabalhos manuais com fins lúcrativos". Qual foi o resultado desta experiência?

Olivânia - Colocaram o que queriam atingir e os meios que utilizaram. Na prática consideram que, ao aplicar o meio, automaticamente atingiram o fim. Podemos dizer isso porque a equipe não fez nenhum comentário a respeito de terem ou não alcançado objetivos.

Com alunos, através das aulas, pretendiam "dar conhecimentos técnicos, científicos, culturais, administrativos, econômicos e sociais.

Com os pais pretendiam colocá-los a par das atividades da escola e propor sugestões (através de reuniões de pais) - "levá-los a conhecer os problemas que os cercam e ajudá-los a resolvê-los (através de visitas às famílias)".

Com os agricultores: "dar um maior conhecimento técnico de suas culturas e despertar o espírito cooperativo (através de cursos)".

Com os jovens: "levá-los a tomarem conhecimento das dificuldades da comunidade e através de um trabalho conjunto resolvê-los; maior união entre os jovens e entre estes e os adultos (através de grupos de jovens)". Como dissemos, a equipe não disse o que realmente pensam terem atingido.

Jaguaré - A equipe colocou corretamente seus fins e seus meios. Afirmam terem atingido todos os objetivos, com uma exceção. Aqui encontramos, novamente, a dificuldade para avaliar o afirmado pela equipe por falta de indicadores que comprovem as afirmações. Se a equipe possui os indicadores, ótimo. Se não possui, as informações baseiam-se, como dissemos, em impressões pessoais.

Procuraram entrosar-se com a Cooperativa, o Sindicato Rural, Acaros, Paróquia e Prefeitura para "ajuda mútua". Conseguiram, com exceção da Prefeitura e Sindicato. Procuraram entrosar-se "deixando bem claro quais nossas pretensões e que para o êxito de nosso trabalho dependíamos de um trabalho em comum com eles".

Desejavam ter um conhecimento da "realidade norte, para melhor entrosamento e atuação na Escola e Comunidades". Para isso fizeram visitas às famílias, deram cursos nas comunidades, utilizaram o EE e buscaram entrosar-se com outras entidades.

Além da atuação com alunos queriam desenvolver outros trabalhos nas comunidades: cursos para agricultores, "outros cursos necessários, reunião com os pais". Para isso tiraram proveito dos trabalhos já existentes na paróquia, organizaram trabalhos com os alunos conforme as necessidades das comunidades. Contaram com o empenho de pais e líderes. Os monitores tinham disponibilidade para a execução dos trabalhos (a escola só tinha 1º ano).

Planejaram aproveitar a propriedade com os recursos possíveis, para servir de prática aos alunos e motivação aos demais. Contrataram um tomador de conta para a propriedade, contaram com a ajuda dos alunos e aproveitaram os recursos disponíveis (ver item 16 - Aproveitamento da Propriedade da Escola).

"Procurar se empenhar para o crescimento dos alunos". Os meios utilizados foram: EE, aulas, excursões, serões, lazeres, vivência em grupo.

Bley - Tinham como objetivos: conhecer a realidade; tornar o agricultor ciente de sua situação; fazer com que o agricultor se torne responsável pelo seu desenvolvimento; melhoramento da agricultura da região; desenvolvimento das comunidades através dos alunos.

Para objetivos assim dispostos, consideram atingidos: conhecimento da realidade, por meio de visitas às comunidades (tudo depende de como se visita para considerar-se, por esse meio, uma realidade conhecida). A equipe disse ter começado a "colocar as bases de sua realidade econômica" (agricultores) através de cursos (no item 8, "Atividades com Agricultores" a equipe não fala em 'cursos' mas em 'curso', no singular - curso de formação de lavoura cafeeira). Julgam ter dado uma pequena contribuição para o melhoramento da agricultura através da orientação técnica dada aos alunos. Dizem ter-se "iniciado o desenvolvimento das comunidades através dos alunos".



2.1.- Em termos de organização geral do trabalho na Escola 5 equipes a consideraram satisfatória (nem boa nem ruim). Foram Campinho, Rio Novo, Alfredo Chaves, Olivânia e Bley. Também julgou assim Iconha 2, embora Iconha 1 tenha achado "boa". Consideraram uma "boa" organização, também, Jaguaré e Km 41, duas das 3 escolas do norte.

Todas as equipes, com exceção do Km 41, reconheceram haver falhas nos seus trabalhos.

QUADRO II

EQUIPES	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO					FALHAS NO TRABAHO	
	ótima	boa	satisfatória	ruim	vésima	sim	não
Campinho	0	0	1	0	0	1	0
Rio Novo	0	0	1	0	0	1	0
A. Chaves	0	0	1	0	0	1	0
Iconha 1	0	1	0	0	0	1	0
Iconha 2	0	0	1	0	0	1	0
Olivânia	0	0	1	0	0	1	0
Jaguare	0	1	0	0	0	1	0
Km 41	0	1	0	0	0	0	1
Bley	0	0	1	0	0	1	0
TOTAL	0	3	6	0	0	8	1

Principais falhas e seus remédios:

Campinho - improvisação, desorganização, atrasos e não completo cumprimento das tarefas; planejamento além das possibilidades. Causas: insuficiente entrosamento entre membros da equipe, níveis de cultura e engajamento diferentes, saída de um componente da equipe. Abordaram estes problemas em reuniões, revisões, cartas pessoais e comunicados à Secretaria Executiva; limitaram o planejamento.

Rio Novo - falta de entrosamento, saída de monitores sem uma comunicação interna à equipe, falta de comunicação nas decisões, alguns monitores ficaram sobrecarregados em suas responsabilidades com os alunos. A equipe adotou a política de adiar soluções, talvez por terem refletido sobre isso somente ao final do ano: "procuraremos corrigir nossas falhas no próximo ano de trabalho".

Alfredo Chaves - atividades sem reflexão; planejamento superior às forças da equipe; monitor que entrou na equipe depois de ter iniciado o ano. Pouca participação da equipe no planejamento (o planejamento não foi fruto do trabalho da equipe); dificuldade de colaboração entre os elementos da equipe. Tentaram chegar à colaboração mútua através da "técnica do paulo na berlinda" no fim das sessões. Não sabemos qual o resultado de tal aplicação.

Iconha 1 - falta de interesse, vontade, vocação e habilidade para monitora da Escola Família de Economia Doméstica; falta de cumprimento de dever, planejamento de trabalho, reuniões, revisões, assistência às alunas, preparações de aula, continuidade às tarefas; falta de respeito, consideração e confiança nas pessoas da equipe". Este quadro-

-negro" que a equipe traça de si mesma (aqui queremos entender que seja toda a equipe, isto é, Iconha 1 e Iconha 2) foi abordado, para tentarem soluções, em reuniões e revisões da equipe, comunicados e encontros com o Secretário Executivo do MEFES.

Iconha 2 - De certa forma há uma concordância de pareceres entre as duas meias-equipes: falta de liderança; falta de entrosamento da equipe, falta de comunicação; imaturidade. Dizem que "por duas vezes foi feito o Paulo na Berlinda, o que, aliás, piorou a situação".

Olivânia - "Falta de reflexão e de revisão". Nada foi feito (?).

Jaguará - Individualismo na realização das tarefas assumidas por cada monitor; poucos encontros entre os monitores. A solução ainda pareceu-nos individualista, enquanto buscaram o "empenho máximo de cada um na realização de sua tarefa".

Bley - não foi cumprido o planejamento por ter sido feito com base em outra realidade. "Não se tinha elementos para superar estas falhas".

Há alguns pontos comuns em algumas equipes:

- planejamento além das possibilidades: Campinho, Alfredo Chaves e Rio Novo (sobrecarga de alguns monitores). Bley acusa a inadequação do planejamento à realidade norte.
- falta de entrosamento: Campinho, Rio Novo, Alfredo Chaves (dificuldade de colaboração entre os elementos da equipe), Iconha 1 e 2, Jaguaré (individualismo).
- Saída ou entrada de monitor em meio às atividades: Campinho e Alfredo Chaves.

## 2.2.- Aspectos curriculares

Em relação ao currículo programado para o 1º ano, todas as escolas disseram não ter tê-lo cumprido. As exceções foram as escolas de Jaguaré e Iconha 2, embora Iconha 1 tenha dito que não foi cumprido. Ambos, Jaguaré e Iconha 2, acham que podem aplicar, em 1973, o mesmo currículo com alterações. Aqui, no caso de Iconha 1 e Iconha 2, parece-nos que o fato não foi encarado objetivamente. Apesar da divergência, pesa muito a avaliação de Iconha 2, justamente a equipe encarregada do 1º ano.

Em relação ao currículo do 2º ano, todas as escolas do sul (as escolas do norte não tiveram 2º ano, por isso não entram em questão) disseram não tê-lo cumprido. A exceção é Iconha 1, que deu resposta afirmativa e diz poder repetir o currículo em 1973, com pequenas alterações. Iconha 2 absteve-se de responder a respeito, alegando que "a equipe foi dividida para lecionar nas duas turmas. Nós ficamos com o 1º ano e, por falta de comunicação entre os membros da equipe, não sabemos responder esta questão". (O problema "falta de comunicação" foi levantado por Iconha 2 nas falhas do trabalho da equipe, analisadas acima).

## QUADRO III

QUADRO III

EQUIPES	CUMPRIMENTO DOS CURRÍCULOS PROGRAMADOS			
	1º ANO		2º ANO	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Campinho	0	1	0	1
Rio Novo	0	1	0	1
A. Chaves	0	1	0	1
Iconha 1	0	1	1	0
Iconha 2	1	0	0	(*)
Olivânia	0	1	0	1
Jaguare	1	0	0	(**)
Km 41	0	1	0	(**)
Elev	0	1	0	(**)
TOTAL	2	7	1	4

(\*) Absteram-se de responder

(\*\*) Escolas inauguradas em 1972

Fezamos uma análise detalhada de cada caso.

Campinho - A equipe explicou que não possuía um currículo. Escolheram desenvolver as sessões segundo assuntos concretos e limitados a 2 (duas) sessões, no máximo; os assuntos eram desenvolvidos pelos monitores nas próprias matérias. A apreciação da equipe, portanto, deu-se sobre os assuntos. Disseram que os assuntos programados para o 1º ano não foram cumpridos. Achem que podem continuar com este método, em 1973, sem alterações.

Os assuntos não foram cumpridos, algumas vezes, pelas seguintes razões, em ordem de importância:

- 1) alguns assuntos foram mal planejados (extensos demais para o 1º ano);
- 2) Não houve suficiente material de pesquisa;
- 3) falta de conhecimento às matérias e atraso no desenvolvimento do assunto da sessão precedente;
- 4) o nível do assunto era muito elevado para os alunos;
- 5) falta de dedicação de um ou mais monitores e o coordenador não se empenhou para que alguns assuntos fossem cumpridos.

Estas mesmas considerações são válidas para o 2º ano.

Rio Novo - Para o não cumprimento do currículo do 1º ano apontaram as seguintes razões:

- 1) Currículo foi mal planejado (extenso demais para o 1º ano);
- 2) o nível era muito elevado para os alunos;
- 3) não houve suficiente material de pesquisa;
- 4) falta de conhecimento às matérias;
- 5) outras razões: os encontros de matérias prejudicaram a sequência do currículo (e outras atividades); total desinteresse dos alunos por algumas matérias.

Para o não cumprimento do currículo do 2º ano apresentaram as mesmas razões, mas a terceira razão, acima, passa a ser segunda e esta passa a terceira. Na quinta, outras razões, apontam a falta de meios (se-

razões, mas a terceira razão acima passa a ser segunda e esta passa a terceira. Na quinta (outras razões) apontam a falta de meios (se-  
tores de aulas práticas, oficinas etc). "Com a falta desses meios,  
como poderá um aluno sair Agricultor Técnico?".

Alfredo Chaves - A equipe diz não ter tido currículo. É um caso se-  
melhante ao de Campinho. "Foram seguidas as sugestões dos encontros  
por matérias, para os Planos de Estudo como para os assuntos a serem  
desenvolvidos nas sessões". Alguns assuntos dados no 1º ano também  
o foram no 2º. A equipe diz que o currículo deve ser planejado para  
os 2 anos. No entanto, o método utilizado em 72 pode ser aplicado,  
mas com alterações, em 1973.

As ajudações, para justificarem o não cumprimento  
dos assuntos, tanto no 1º como no 2º ano são, em ordem de importân-  
cia:

- 1) falta de conhecimento das matérias;
- 2) não houve suficiente material de pesquisa para monitores e alunos;
- 3) o nível era muito elevado para parte dos alunos (diferentes níveis dos alunos).

Ao lado da 3ª alternativa do questionário (falta de empenho do coordenador) a equipe colocou uma observação: "o coordena-  
dor não é fiscal". Obviamente, não é. Ele assume um papel na equipe,  
delegado pela própria equipe, com a função de, entre outras coisas,  
"garantir a eficiência do trabalho planejado em equipe exigindo, por  
tanto, dos alunos e monitores as execuções de suas tarefas" (Reg.  
Int., 77 - é conveniente que se tenham em mente as citações transcri-  
tas ao início de cada ítem deste trabalho...).

Iconha 1 e 2 - Como já vimos, Iconha 1, ao contrário de Iconha 2,  
responsável pelo 1º ano, afirmou que o currículo programado para o  
1º ano não foi cumprido. E apontam as razões em ordem de importância

- 1) falta de dedicação de um ou mais monitores;
- 2) as monitoras não planejavam a sessão, davam conteúdo fora do cur-  
rículo, do planejamento e da realidade das alunas;
- 3) falta de conhecimento das matérias.

Quanto ao 2º ano, Iconha 1 afirma ter sido cumpri-  
do o currículo e pode ser aplicado novamente este ano, com pequenas  
alterações.

Iconha 2 afirmou ter cumprido o currículo do 1º  
ano e dizem que pode ser aplicado em 73, com pequenas alterações.  
Abstiveram-se de opinar a respeito do 2º ano (Iconha 1) pela ra-  
zão transcrita acima.

É difícil localizar, dentro de colocações emocionais  
e contraditórias, onde está a verdade. Serve-nos, pelo menos, para  
caracterizar o clima reinante na equipe desta escola em 1972.

Olivânia - Mesmo caso de Campinho e Alfredo Chaves. Alguns assuntos  
não foram concluídos porque:

- 1) não tinham currículo específico para 72 (os assuntos eram esco-  
lhidos nos encontros de matérias);
- 2) não houve suficiente material de pesquisa;
- 3) saída de alguns monitores no meio do ano.

Rley - O currículo do 1º ano não foi cumprido porque:

- 1) aulas iniciaram muito tarde;
- 2) não houve suficiente material de pesquisa;
- 3) desnível de aprendizagem dos alunos.

Km 41 - O currículo do 1º ano não foi cumprido porque "tivemos só 8 sessões. Inicialmente não tínhamos currículo. Foram dadas outras matérias fora do currículo, conforme as exigências".

Tirando-se uma média das observações acima, para 1º e 2º anos as razões mais constantes são, em ordem de importância, o mau planejamento do currículo, a insuficiência de material de pesquisa, cujas consequências são o desconhecimento das matérias por parte dos monitores e a falta de condições de pesquisa para os alunos testarem o que aprenderam e, por último, o nível muito elevado para os alunos, que pode ser uma causa de desinteresse, mais do que estímulo para os alunos.

-----00000000-----

### 3. Aspectos Disciplinares

"Cada membro da equipe é responsável pelo bom entendimento da mesma". (Reg. Int., 40)

"A equipe cuida, para manter no ambiente, um clima de respeito, de trabalho e de convivência educativa". (Reg. Int., 53)

"Não estando presente Cleber Soldati, iniciou-se uma troca de idéias sobre o andamento nas escolas. Enfrentou-se logo problemas disciplinares, em várias escolas; com o IIº ano encontram-se atualmente passando por meio de problemas sérios de indisciplinas que fizeram com que se estabelecessem algumas regras de comportamento bastante severas. Esse problema, em algumas escolas, foi colocado aos pais e visto as responsabilidades que eles têm para com os filhos.

"Por quanto se refere às equipes, há atualmente problemas de relacionamento entre os componentes, isso por causa dos diferentes graus de engajamento e conscientização sobre problemas básicos da educação e dos trabalhos comunitários". (Relatório da Reunião dos Coordenadores, em Iconha a 24 de julho de 1972; presentes: Aurea, João Bortolote, Ivane e Sérgio).

Somente as equipes de Olivânia, Km 41 e Bley declararam não ter tido problemas disciplinares de qualquer tipo. Creemos que quiseram dizer que não tiveram qualquer problema relevante, pois alguma coisa sempre ocorre na área disciplinar (não ter ocorrido absolutamente nada também pode significar que algo vai mal...); mas, repetimos, cremos que não houve nada de maior importância que devesse ser declarado.

### QUADRO IV

( v. pág. 16)

QUADRO IV

EQUIPES	PROBLEMAS DISCIPLINARES			NÃO
	SIM			
	C/ALUNO(S)	C/PESSOA(S) DA EQUIPE	C/ALUNO(S) E PESSOAS(S) DA EQUIPE	
Campinho	0	0	1	0
Rio Novo	1	0	0	0
Alfredo Chaves	0	0	0	0
Iconha 1	0	1	0	0
Iconha 2	0	0	0	0
Olivânia	0	0	0	1
Jaguare	1	0	0	0
Km 41	0	0	0	1
Bley	0	0	0	1
TOTAL	2	1	3	3

Iconha 1 - Houve problemas, somente, com pessoas da equipe. Dizem que eram problemas que "se tentavam resolver em reuniões e (eram) comentadas fora da escola ('fofoca')". Também alegam que houve "calúnias levantadas de monitora a outra, sendo comentado com alunas e fora da escola". (As frases entre aspas são transcrições literais). Dizem não ter sido encontrada a solução, "porque estava próximo o fim de ano e o Secretário Executivo pediu que se esperasse o final de ano, para transferir as 2 monitoras problemas da Escola"(sic).

Iconha 2, Campinho e Alfredo Chaves declararam ter havido problemas disciplinares com pessoas da equipe e também com alunos.

Iconha 2 - As alunas perceberam a "indiferença entre monitores, causando revolta entre elas e prejudicando sua formação". Os problemas entre as alunas não foram resolvidos porque "a Equipe não teve forças para resolver primeiramente seus próprios problemas".

Entre as pessoas da equipe "os problemas foram de rancor, inimizade, formação de sub-grupos, problemas (criados) dentro da Escola por pessoas não pertencentes à Equipe (pessoas externas)". A esses problemas não foram dadas soluções porque "não houve condição da equipe se reunir".

Campinho - Os problemas com alunos foram definidos como "abuso de liberdade, recusa, em parte, da metodologia (trabalho demasiado e ER), não compatibilidade com o caráter de um elemento da equipe". Procuraram solucionar os problemas através da instauração de um regulamento e reuniões com os pais. Por parte dos alunos as soluções foram aceitas de modos diversos: passivamente, alguns, de maneira positiva, outros e outros, ainda, sofreram recriminações.

O problema interno da equipe resumiu-se em diferentes atitudes dos monitores para com os alunos, não respeito do planejamento e individualismo. Localizados os problemas tentaram soluções a partir de revisões da equipe e reuniões com o secretário executivo. Parece que não houve soluções positivas pois "no fim esperou-se a saída do trabalho do monitor em questão". Já as pessoas da equi-

pe (ou pessoa) receberam as tentativas de solução com indiferença e "obstinação no próprio ponto de vista" - o que significa a mesma coisa que não ter havido solução nenhuma.

Alfredo Chaves - Os problemas com alunos foram aparentemente graves, se os encararmos deslocando-os de um ambiente onde tais eventos ocorram comumente; mas podem, perfeitamente, não serem considerados como "coisa de outro mundo": brigas entre alunos, uso de canivete com supostas más intenções, invasão da cozinha e dispensa (alguns monitores não fizeram isso aqui, em Anchieta, durante as semanas de aprofundamento?), alcoolismo, uso de estimulantes, desobediência a decisões tomadas pelos alunos e monitores.

Os remédios, ou soluções, aplicados poderíamos dividir em "tratamento de choque", pedagogicamente discutível, e "corretivos a longo prazo". Entre os primeiros estão "pegar pelo colarinho" e punição dos "responsáveis com castigos" (não disseram quais foram os castigos, mas o nome já os qualifica para o primeiro tipo). Entre os segundos salientam-se: reflexão em conjunto, discussão do responsável do dia com os responsáveis pelas brigas e bagunças, apreensão de "armas" e entrevistas.

Diante de tais soluções a receptividade, como é lógico, só poderia ser um misto de passividade, compreensão e temor, por parte dos alunos.

Problemas na equipe: um dos problemas ocorridos entre os alunos manifestou-se também entre os monitores, sem individuar quem, pois o problema é da equipe, sem interessar se foi um ou foram muitas pessoas que se enquadrassem no tipo apontado. Não se poderia dizer se o comportamento do monitor (ou monitores) influenciou o comportamento dos alunos e vice-versa. O problema é pessoal e social. A ingestão alcohólica desabusada por parte de algumas pessoas é um fenômeno universal, apresentando as mais variadas causas. Para o nosso meio rural, poderíamos salientar algumas dessas causas sociais, que, embora assumam outras variações ~~em~~ outros meios, no fundo são as mesmas em meios desenvolvidos ou não: um meio de "diversão", superação de frustrações ambientais, compensação alimentar e, no caso de adolescentes, afirmação pessoal, como integrante de uma geração em evolução. Em suma, não se trata aqui de escrever um tratado moralista sobre o problema, mas tentar diminuir o mal estar que possa causar a pessoas que não conviviam no ambiente onde ocorrem como fenômeno social e considerar, sem dúvida, cada caso isolado. Procurar encarar o problema com naturalidade, com "olho crítico", e buscar soluções adequadas "antropologicamente" (lembrem-se de nossa última "semana de aprofundamento" em 1972).

Do lado deste, outros problemas mais "profissionais": - não cumprimento dos deveres (dar aula, planejamento, revisão, pontualidade);

- interferência de um monitor no trabalho do outro (se encarado como disputa ou perturbação do trabalho é um problema. Mas a interferência pode ser positiva se encararmos como interesse de inter-relacionamento dos trabalhos, um dos fatos que caracteriza uma equipe. Certamente não foi este o caso...).

As soluções, recebidas com compreensão, mas também temor, foram buscadas através de utilização da técnica do "Paulo na Berlinda" nas revisões da equipe e discussões em grupo sobre os problemas. No caso de um monitor, a solução encontrada pela equipe foi a sua não aceitação como membro da maçã.

Rio Novo e Jaguaré - somente problemas com alunos.

Rio Novo - "Desrespeito com os colegas, palavrões, imoralidades, brutalidades etc."

Quanto ao desrespeito com colegas, palavrões e im-  
brutalidades, devemos nos transportar ao meio ambiente e, com "olho  
crítico", analisarmos cada fato em conformidade com a "cultura" pre-  
dominante. Valem as mesmas observações feitas sobre alcoolismo, com  
as devidas adaptações.

Imoralidades: as mesmas observações que já fizemos.  
Pode ser pouca coisa ou coisas piores. Dada a generalidade com que  
foi colocado problema, pode-se traçar duas hipóteses: a) as imbrali-  
dades consistiram de "palavrões" e outros atos irrelevantes que não  
merecem maiores especificações e, portanto, o problema não é grave;  
b) as imoralidades consistiram de atos mais graves e a equipe receia  
mencioná-los. Esta segunda hipótese é perfeitamente recusável, pois  
a equipe, cremos, não teria recio de apontar os problemas. Portan-  
to assumimos a primeira hipótese e o assunto enquadra-se em duas de-  
vidas (mínimas) proporções. O "etc.", pelas mesmas razões que aca-  
tamos a segunda hipótese acima, não merece maiores considerações...

Como solução, foi feita uma "avaliação" entre os  
alunos com presença dos monitores. Os alunos aceitaram com compreen-  
são e, apesar da boa técnica, com passividade por parte de alguns.  
A respeito da passividade poderíamos dizer: a) talvez os alunos que  
não estivessem diretamente envolvidos permanecessem passivos em re-  
lação ao problema; b) talvez os alunos não encarem os problemas com  
a mesma gravidade que os monitores procuram apontar (dado cultural);  
c) talvez os monitores não tenham conseguido transmitir que tais  
problemas podem ser considerados "graves" dadas certas circunstân-  
cias.

Jaguaré - Houve um caso de "roubo de dinheiro". O problema "foi co-  
locado para a turma e foi devidamente analisado. Solução para o ca-  
so, no momento, não houve. Porém nunca mais ocorreu tal fato".  
Dentro das condições da escola, um lugar onde todos vivem juntos,  
onde ninguém nada esconde, é possível que alguém, ao ver tanta  
digamos assim, fartura ou disponibilidade, sinta-se atraído por  
alguma coisa (no caso dinheiro) que esteja tão a mão. Problemas como  
este devem ser tratados com calma, deve ser visto, antes de tudo,  
como uma oportunidade de educar. A equipe diz que a tentativa de so-  
lução foi aceita com compreensão. Pode ser, também, temor, hipótese  
aceitável no caso de o dinheiro não ter sido devolvido, o que não  
sabemos.

OBS.: As citações abaixo devem ser relacionadas com os Itens abaixo de 4 a 8, inclusive.

"(...) é necessária a convergência das atividades, das iniciativas e responsabilidades de cada um, com a finalidade da promoção integral do homem do campo". (Reg. Int., 2).

"Para a realização deste trabalho, a E.F. propõe uma metodologia própria, considerando o aluno inserido em sua família e comunidade; portanto deve-se procurar não somente o crescimento do aluno, mas do aluno juntamente com a sua família e sua comunidade. Para isso a E.F. usa os seguintes meios: participação dos pais, alternância, plano de estudo, internato e ação comunitária". (Reg. Int., 3).

"(...) Além disso, para cada escola foi instituída uma 'Associação à Pais' dos alunos e ex-alunos, tendo a mesma finalidade de esclarecer os genitores sobre os problemas da formação dos jovens, para promover o cooperativismo de base, e favorecer a ação e reflexão no meio sócio-político. Os professores não se limitam às aulas na escola, mas tem como tarefa própria visitar as famílias, travando conversas sobre a educação dos filhos e os problemas da região". (CEAS, pág. 11).

#### 4. Participação de Alunos na Comunidade

##### Do Regimento Interno:

" 24) Os alunos, sendo diretamente interessados na própria educação, fazem parte dos agentes educacionais".

" 32) Levam à família os conhecimentos adquiridos da EF para serem discutidos e experimentados com os pais".

" 33) Fazem participar destes conhecimentos e experimentos também a comunidade".

" 34) Colaboram com os pais, <sup>(com)</sup> a equipe da EF, <sup>(com)</sup> os líderes, <sup>(com)</sup> as entidades que trabalham na promoção do homem do campo, no desenvolvimento de um plano comunitário, tornando-se agentes de desenvolvimento da própria comunidade".

" 43) A equipe deve orientar o aluno também no trabalho comunitário em vista de que ele se torne um agente de desenvolvimento".

##### Do Caderno do CEAS:

"A característica essencial à Escola é o regime de 'alternância', passando os alunos alguns dias em casa e outros na escola, e um currículo e plano de trabalhos que, através do aluno, atinge a comunidade animando-a e inserindo-a diretamente no processo de evolução".

Com exceção da equipe de Alfredo Chaves, todas as demais disseram que os alunos participaram em atividades nas suas comunidades.

QUADRO Y - PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS EM ATIVIDADES NAS SUAS COMUNIDADES;

-EQUIPES	SIM	NÃO
-Campinho	1	0
A. Chaves	0	1
Iconha 1	1	0
Iconha 2	1	0
Olivânia	1	0
Jaguare	1	0
Km 41	1	0
Bley	1	0
-TOTAL	8	1

Alfredo Chaves - Os alunos não participaram em atividades nas suas comunidades porque: a) os alunos não tem liderança; b) os interesses não foram despertados; c) não existe trabalho comunitário no interior; d) faltam grupos organizados. A equipe foi objetiva e sincera em sua resposta. Objetivamente constatamos que esta colocação encontra-se no extremo oposto sobre o anunciado nos denominados "documentos teóricos" do MEPES.

Campinho e Olivânia - Os alunos participaram em festa e algumas reuniões de jovens; trabalharam em mutirões na propriedade da ET (Campinho). Em Olivânia os alunos participaram de "Grupo de Jovens, leituras litúrgicas e diversões (teatros). Para ambas as equipes os resultados foram regulares porque, para Campinho, apesar de motivados pela equipe, as atividades sofrem "limitações por parte do ambiente: tradições, falta de participação, timidez etc". Olivânia aponta como causa a "falta de preparação dos alunos e (falta) de acompanhamento dos monitores".

Rio Novo - Trabalharam em Grupo de Animação: a) fazendo levantamento de fossa e filtro; b) orientando e conscientizando o pessoal para construção de fossa e compra de filtros.

Estas atividades tiveram bons resultados (inclusive nos foram mostrados gráficos dos levantamentos de fossas e filtros e um novo levantamento, feito um ano depois, nas mesmas localidades, apresentando bons resultados). Houve "o esforço de alunos, pais, líderes e membros da escola que trabalharam com objetivos de conscientizar a comunidade para a resolução de seus próprios problemas higiênicos (fossa e filtro)".

Iconha 1 e 2 - Atividades: a) festas locais e familiares; b) cursos de Economia Doméstica nas comunidades.

Bons resultados porque: a) houve maior participação dos pais na escola; b) as pessoas das comunidades tiveram mais confiança nas alunas; c) "maior interesse das alunas pelas suas comunidades e estas se sentiam mais valorizadas"; d) "despertar a comunidade pelos seus problemas".

Iconha 2, em essência, diz o mesmo que Iconha 1.

Acentuam que os bons resultados foram alcançados por causa da dedicação das alunas e aceitação das comunidades se bem que "em uma ou duas comunidades as alunas encontraram dificuldades na aceitação por algumas pessoas do lugar".

Jaguaré e Km 41 - Desenvolveram as mesmas atividades (pelo menos os nomes dados às atividades são idênticos): a) grupos de jovens; b) cursos dados pela Escola sendo dos alunos a organização; c) encontros semanais; d) círculos familiares; e) encontros de liderança; f) conscientização sobre a escola; g) recrutamento de novos alunos. A equipe do Km 41 acrescentou, ainda, "levantamentos nas suas comunidades". Jaguaré informou que "está se pensando numa associação para desenvolver projetos técnicos nas comunidades".

Tais atividades, em geral, para ambas as escolas, tiveram bons resultados porque houve incentivo e colaboração da Escola, da paróquia, dos pais e da comunidade. Além disso houve empenho dos próprios alunos na organização, participação e execução das atividades. Km 41 salienta, ainda, que os bons resultados devem-se à "dedicação das alunas, pois tem muito espírito social". As conseqüências de tais atividades para Jaguaré são: a) aumento da liderança dos alunos; b) divulgação de novos conhecimentos e sua aplicação; c) maior integração entre escola e comunidade.

Rio - Atividades: "pesquisas; recrutamento de agricultores para o curso; divulgação à escola; auxílio no recrutamento de novos alunos".

Os resultados foram bons porque os alunos se interessaram e tomaram iniciativas. Dizem, também, que os alunos tiveram "conhecimento da necessidade", o que não sabemos exatamente o que significa.

-----000000000-----

### 5. A Escola e os Ex-Alunos

As escolas que tem ex-alunos são: Rio Novo, Alfredo Chaves e Olivânia. Destas, somente Olivânia não desenvolveu atividades com ex-alunos, alegando "falta de reflexão" (resposta que não esclarece nem justifica nada). Respeitamos o afirmado pela equipe, mas gostaríamos de que buscassem um pouco na memória se, realmente, não desenvolveram nenhuma atividade com ex-alunos pois temos informações de que houve, pelo menos, um encontro de ex-alunos de Olivânia no 1º semestre.

As demais não desenvolveram atividades deste tipo por não terem ex-alunos (as escolas do norte iniciaram suas atividades em 1972 e as outras duas do sul (Campinho e Iconha) formaram sua primeira turma em 1972).

QUADRO VI - ATIVIDADES COM EX-ALUNOS

ESQUITES	SEM	NAO
Rio Novo	1	0
Alf. Chaves	1	0
Olivânia	0	1
TOTAL	2	1

Rio Novo - Alguns ex-alunos formaram a Associação dos Jovens Agricultores - AJA, que desenvolveu algumas atividades, tendo como base a escola, que colaborou com a AJA: compra de bezerro, plantio de mandioca e projeto de café. Estas atividades, no entender da equipe, apresentaram bons resultados pois dizem que os jovens, ex-alunos, sentiram a necessidade de se unirem em grupo "para poder evitar o isolamento e trabalhar em conjunto na agricultura, dando condições a todos de por em prática o que aprenderam na Escola, o que não seria possível se cada um vivesse em particular em sua propriedade".

Alfredo Chaves - Os ex-alunos tiveram um curso técnico e foram incentivados a iniciarem novas culturas. Estas atividades foram desenvolvidas a nível técnico e a equipe considera que os resultados serão avaliáveis a longo prazo (poderiam ter dado uma apreciação sobre o processamento da atividade em si, mas não o fizeram).

-----ooo000eoo-----

#### 6. Participação dos Pais na Educação

Do Reg. Int.:

" 10) Os pais dos alunos são agentes educacionais".

" 11) Os pais são responsáveis pela educação dos filhos, participam e favorecem o diálogo entre a família e a escola para que esta corresponda cada vez mais às exigências da família e possa ser o agente estimulador na responsabilidade educativa".

" 12) Os pais, juntamente com a equipe e os alunos, estudam as regras e as disciplinas da vida comunitária das escolas".

" 13) Os pais participam das decisões tomadas na Escola".

" 14) Para que haja uma maior participação na ação educativa da Escola os pais devem formar uma associação".

Somente a equipe do Bley declarou não terem os pais participado ativamente na educação dos filhos porque eles não tinham conhecimento do método da EF.

Todos os demais colocam como indicador principal de participação a colaboração dos pais nas respostas aos PE.

Campiño - Em graus diferentes, todos os pais participaram (ativamente?) na educação dos filhos (27 alunos em 1972). A participação deu-se através do PE, em reuniões na Escola e nas capelas, visitas à escola e participação dos pais em reuniões. A equipe considerou esta participação valiosa, mas não muito, porque os pais "ainda não são conscientizados suficientemente do papel que tem na EF".

Rio Novo - Aproximadamente 24 pais (39 alunos em 1972) participaram (ativamente?) na educação dos filhos: colaboração no PE, frequência na Escola, participação nas reuniões de pais, interesse em se informar sobre a aprendizagem do filho na Escola, estimulando o filho para estudar, permitindo que o filho desenvolva projetos técnicos de banana na propriedade, colaboração na contabilidade da proprie-

### 3. Visitas

Além das visitas rotineiras dos representantes das Entidades ligadas ao MEPES por vários anos, recebemos durante o ano algumas visitas importantes:

- Em março: Visita do Sr. Anthony Gomes da Fundação Interamericana para tratar de assuntos relacionados ao projeto do MEPES;

- Em maio, o Dr. Danilo Agostini, presidente da Associação dos Amigos do Espírito Santo. Veio ao Brasil depois de 4 anos, tendo sido um dos primeiros colaboradores na implantação do MEPES.

- O Dr. Luiz Pollanah, de Angola. Veio ao Brasil conhecer o trabalho de Extensão Rural e passou alguns dias no MEPES para ver o trabalho das Escolas-Famílias e experiências de trabalho com jovens rurais.

- Em junho, o Dr. Giuliano Giorio e Pe. Alessandro Gelli, ambos da AES (Padua). Vieram preparar a vinda do Dr. Giorgio Giacomelli e dos voluntários italianos para o MEPES.

- Visita do Consul da Itália no Rio de Janeiro, Sr. Dr. Rainaldi Fornari.

- Em julho, o Dr. Giorgio Giacomelli, de Ministério das Relações Exteriores da Itália e encarregado do Projeto de Colaboração do Governo Italiano e Brasileiro.

- Em agosto, o Dr. Dominique Raoul, Adido Cultural da Embaixada Francesa no Rio. Veio tratar da vinda de um técnico em pedagogia das Escolas-famílias francesas.

- Em Novembro, um representante do CEREADE. Veio conhecer as atividades do MEPES e tratar de uma avaliação de nosso trabalho.

- Em dezembro, o Sr. Anthony Gomes, da Fundação Interamericana. Veio colher mais informações a respeito do projeto apresentado pelo MEPES à Fundação.

A participação dos pais foi qualificada como "valiosa mas não muito", pois houve "uma certa colaboração" mas apontaram a existência de um "grande comodismo da parte dos pais em assumirem maiores responsabilidades, quer seja na educação dos filhos, quer seja em assumirem as responsabilidades da escola (tomada de decisões)".

Alfredo Chaves - Todos os pais, de alguma forma, participaram (ativamente?). Em 72 havia 30 alunos na EFRAC. A participação deu-se pelo fato de deixarem os filhos estudar, "dando o dinheiro para o filho poder estudar", ajudando na realização do PE, "alguns se interessaram por problemas técnicos da propriedade e deixaram os filhos fazerem projetos e interessando-se pelo andamento da escola".

A forma como a equipe colocou a participação pareceu-nos muito "desanimada". O fato de dar dinheiro para o filho estudar ou deixar o filho estudar, em certas condições, pode significar muito, mas em termos de escola-família pode não significar nada, pois isso poderia ocorrer com qualquer outro tipo de escola, onde o filho vai para a escola e sua educação "é problema dos professores, eu já fiz minha parte: estou pagando", diria o pai. E para isso, todos sabem, não foram criadas as escolas-famílias.

A equipe considerou tal participação como "valiosa, mas não muito" porque nem todos contribuíram para a realização do PE, "um pai não apareceu na reunião da escola", alguns não deixaram os filhos fazerem projetos em casa e nas "reuniões não tratou-se a fundo os problemas de educação (fumo, álcool, educação sexual etc)". Isto deveria ser considerado como problema da equipe (o não tratar os problemas a fundo). Assim como é problema da equipe o fato de os pais não participarem de uma maneira mais ativa e positiva. Essa observação vale também para as outras equipes, que alegam, por exemplo, que os pais não estão conscientizados ou não estão preparados - isto é, repetimos, problema da equipe e não dos pais. Quem conscientiza é por que já está conscientizado, já tem clareza na cabeça sobre aquilo que deseja fazer os outros conscientes. Será este o nosso caso?

Olívania - De modo parcial todos participaram (30 alunos em 1972). No PE e nas folhas de observação; "contribuindo na parte financeira". A participação foi "valiosa mas não muito" porque "muitos não entenderam o que é a EF e trazem consigo a mentalidade de que, quando o filho está na escola a responsabilidade de sua educação fica a cargo dos professores". (Ver observação acima, em Alfredo Chaves).

Iconha 2 - 37 alunos em 1972. "Poucos" pais participaram (ativamente?) na educação dos filhos. Mais exatamente, a resposta foi negativa, mas responderam perguntas relativas ao caso positivo. Por isso preferimos encerrar a resposta à pergunta 39 ("Os pais participaram ativamente da educação dos filhos?") como "SIM" e "NÃO", por serem relevantes. Participação: ajuda no PE, comparecendo às reuniões, participando na manutenção, prestando alguns trabalhos à Escola. Esta participação foi "valiosa mas não muito" porque "nem todos os pais participaram, sendo que alguns não dão valor ao PE por falta de conhecimento de mesmo, devido à pouca informação por parte dos monitores. Houve 4 ou 5 famílias que não receberam visitas dos monitores". Isto foi em relação ao "SIM", quanto à participação. Disseram que "NÃO" houve participação "por ter havido pouca aproximação dos pais com os monitores responsáveis pelas suas filhas".

Escola I - Participaram 15 pais, aproximadamente, (37 alunas) da educação das filhas (ativamente?). Esta participação foi julgada "muito valiosa", porque ajudou bastante as filhas e a escola. Ajudaram muito "seguido as filhas na escola, opinando, cooperando, incentivando, participando de reuniões, dando sugestões nas programações da escola. Mantendo maior diálogo com as filhas, transmitindo suas experiências e mostrando interesse em adquirir novos conhecimentos, valorizando-as demonstrando assim toda a confiança".

Jaguari - Tendo 22 alunos em seu 1º ano de funcionamento, aproximadamente 13 pais participaram (ativamente?) na educação dos filhos. Compareceram às reuniões marcadas, ajudaram os filhos na execução do EF, participaram com os filhos nos trabalhos comunitários, "formando o Conselho Administrativo da Escola" e arcando com a responsabilidade dos filhos na escola. (No próximo item, nº7, sobre a participação dos pais na administração da escola, esta equipe responderá que os pais não participaram "por falta de uma melhor organização da própria escola neste sentido", o que se contradiz com a afirmação acima a respeito do Conselho Administrativo, embora estejam formando o mesmo). A equipe considerou esta participação "muito valiosa" porque "deu mais segurança aos filhos e monitores na escola e nos trabalhos extra-curriculares".

Escola II - Aproximadamente 15 pais (18 alunas) participaram das reuniões, responsabilizando-se pela alimentação e interessaram-se pelas atividades dos filhos na escola e em casa: EF, aulas, atividades comunitárias, o que a equipe considerou como participação "muito valiosa" porque ajudou muito na realização do trabalho para atingir o objetivo (9)".

-----o0o00o0o-----

### 7. Participação dos Pais na Administração da Escola

"A EF nasce da colaboração do MEEPS, das comunidades locais e das famílias. A responsabilidade da EF cabe a um Conselho Administrativo formado por:

- Coordenador da EF.
- Um representante da comunidade local, indicado pela Associação dos Pais e pelo MEEPS.
- Três representantes dos pais, eleitos pela Assembleia dos Pais.
- Dois representantes dos alunos, um para cada turma, eleitos pelos próprios alunos". (Reg. Int., 4) (\*)

"A Associação dos Pais" através de seu representante no Conselho Administrativo da Escola Família participa na administração da EF e da propriedade". (Reg. Int., 22)

(\*) Esquecendo nossos gerentes-se, ainda, ao CAEF: "dois ex-alunos, eleitos pela Assembleia dos Ex-alunos".

" Cada escola ficará encarregada de fazer uma reunião com os pais para escolher três (3) representantes; esses se reunirão em Junho ou Julho para discutirem sobre: condução dos alunos, merendona para as escolas e a taxa ou contribuição dos alunos. Obs.: na reunião os coordenadores apresentarão as despesas feitas nas escolas, durante um ou dois meses! (Relatório da Reunião dos Coordenadores, em Icoarica, a 13 de março de 1972. Presentes: Ivane, Aurea, Sérgio, Carla, Moura, João Bortolote, Mário e Humberto, estes dois últimos como coordenadores do C.F.).

" Reunião de pais: foram feitas em todas as escolas e os problemas discutidos foram os da participação deles nas despesas alimentares. Rio Novo aumentou a mensalidade para Cr\$ 20,00 e 25,00. Pediu-se de fazer um encontro dos representantes dos pais das várias escolas no dia 5 de setembro às 10,00 horas em Icoarica. Problema em discussão: contribuição e colaboração dos pais nas despesas da alimentação nas escolas" (Relatório da Reunião dos Coordenadores em Icoarica a 24 de julho de 1972).

Campinho e Icoarica 1 afirmam terem os pais participado ativamente na administração da escola. O número aproximado de pais, em ambas, foi de 4 participantes.

QUADRO VII - PARTICIPAÇÃO DE PAIS NA ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA:

ESCOLAS	SIM	NÃO
-Campinho	1	0
-Rio Novo	0	1
-A. Chaves	0	1
-Icoarica 1	1	0
-Icoarica 2	0	1
-Olivânia	0	1
-Jaguare	0	1
-Km 41	0	1
-Bley	0	1
TOTAL	2	7

Campinho - os pais deram sugestões para a exploração da propriedade e compra de animais. Fizeram (a equipe) "apresentação da situação econômica da escola e pedido de sugestões". Ofereceram, também, materiais para a escola. A isto a equipe classificou como participação "satisfatória" por causa das limitações: do planejamento, do ambiente e da conscientização. Foram, também, pouco solicitados pela equipe".

Icoarica 1 - a participação foi concretizada com estes poucos pais (4) ajudando a resolver e colaborando no aluguel da escola; estabelecerem de critérios de pagamento para as alunas; resolvendo problemas de alimentação, reformas, fazer de uma horta e incentivando a criação de galinhas; discutindo e resolverem o problema da mudança da escola". Esta participação foi considerada "muito boa porque demonstraram muito interesse e, para resolverem os problemas não mediram es-

digo, sacrifícios, assistindo, convidando e comunicando aos outros pais as soluções encontradas, resultando grande interesse e aproximação pela escola".

As demais equipes responderam negativamente. Escola 2 não quis porque o também Alfredo Chaves: "porque a participação é feita por um Conselho formado de 2 líderes de comunidade, 1 pai e ex-alunos, 1 pai de-aluno e o coordenador da escola. O pai de aluno não participou". POR QUE? Além de não dizerem porque o pai não participou, a equipe demonstrou ignorar o que diz o Regulamento Interno a respeito do CAEF (vide citação acima - Reg. Int., 4).

Olivênia - "os pais ainda não estão preparados para assumirem uma tarefa administrativa". (Que os está preparando? como?)

Jaguari - "por falta de uma melhor organização da própria escola nos se sentido". (ver sobre esta equipe no item 5).

Em 41 - "por falta de condições dos pais e também da escola, sendo o 1.º ano de trabalho".

Bley - "falha dos monitores quanto ao esclarecimento da participação dos pais na administração da escola. Período muito limitado".

Como vemos as justificativas da não participação dos pais na administração escolar são bastante insuficientes. A realidade que transparece mais é a apontada pela equipe do Bley: "falha dos monitores", apesar de que o norte tem a seu favor o argumento do curto espaço de tempo desde o início dos trabalhos, em 1972.

Quanto a Escola 1 e Campinho, a "administração" é entendida em sentido amplo: mesmo o fato de "criação de galinhas" é considerado como administrativo. Além disso, os pais que trabalharam são poucos (4) e, pelo que consta, não representativos, no sentido de que não foram eleitos por uma Assembléia de Pais mas, digamos assim, foram "envolvidos" pelos monitores. Se estas escolas estão longe da "participação administrativa dos pais" (Ver Reg. Int., 6 - não foi transcrito neste trabalho), as outras estão mais distantes ainda...

-----00000000-----

### 6. Atividades com Agricultores

As E.F. de Economia Doméstica disseram não ter desenvolvido quaisquer atividades com agricultores (exceto os pais).

Campinho - organizaram reuniões, cursos patrocinados pelo FINEO, reuniões (com que objetivos?), curso noturno para jovens agricultores, construção de paiol, festas (exposição-concurso de gado). As atividades, em geral, "tiveram razoável sucesso", apesar das "falhas metodológicas da equipe", da "visão limitada do responsável do setor" (como sempre) "limitações do ambiente".

Rio Novo - Atividades com o GFT (Grupo de Financiamento de Tratores), Grupo de Animação e Associativismo. As atividades, em geral, "tiveram razoável sucesso" porque são de "grande interesse dos agricultores, porém, de ida a uma série de dificuldades que surgiram", não foi alcançado o sucesso desejado.

Alfredo Chaves - Atividades: cursos técnicos; reuniões e palestras; visitas a propriedades com grupos de agricultores; viagem para compra de animais e visão técnica mais atualizada; visitas dos municípios a propriedades de agricultores para orientações técnicas.

"Razoável sucesso". Os resultados não foram melhores porque houve "desânimo da pecuária de leite por causa da má organização da Cooperativa de Laticínios"; a viticultura não apresentou melhores resultados porque as mudas da Fazenda do Estado eram ruins. O grupo de São Bento é desconfiado. Os agricultores estão acostumados a receber presentes (paternalismo) e não a pensar e reagir".

Olivânia - Cursos; incentivos para o GFT; criação de grupos de agricultores para compra de calcário. O sucesso destas atividades, em geral, só foi razoável porque, embora os agricultores "já acreditem bastante na técnica moderna, ainda são bastante imaturos, pois tem medo de se comprometerem e são pouco associativistas".

Jaguari - Encontros e reuniões nas comunidades; cursos técnicos na escola e nas comunidades. As atividades "tiveram razoável sucesso" apresentando pontos positivos ("por ser um pessoal bastante positivo porque os trabalhos realizados partiram de uma exigência deles e muitos conhecimentos adquiridos foram aplicados") e pontos negativos ("pouca participação dos agricultores nos cursos na escola e falta de aulas práticas e excursões nos cursos").

Eloy - curso de formação de leitaria caseira. Atividade bem sucedida porque havia interesse pelo assunto. "e ainda observamos que alguns participantes mudaram seus hábitos".

---0000000000---

### 9. Escola e Comunidade

"Para favorecer o encontro com os pais é positivo reunir-lhes no próprio ambiente, também em previsão de um trabalho comunitário". (Reg. Int., 55)

"Deve ser enfatizada a outra característica da 'Escola-família rural' do NIEPES, que é a de agir diretamente sobre as comunidades, oferecendo ensino de renovação a partir do próprio meio". (CEAS - pág. 10)

"A fórmula da 'Escola-família' foi estudada para despertar o interesse das famílias e engajar a população no processo de renovação". (CEAS - pág. 10).

As equipes de Rio Novo, Bley e Iconha 2 disseram não terem as suas escolas desenvolvido atividades na comunidade.

Rio Novo - porque " não houve nenhum interesse por parte da comunidade em se entrosar com a escola e vice-versa". Cabe a pergunta: quem deveria tomar a iniciativa? Atenção para a citação do caderno do CEAS: "A fórmula da 'Escola-família' foi estudada para despertar o interesse das famílias e engajar a população no processo de renovação".

Bley - não sabiam como iniciar qualquer tipo de atividade para que fosse bem sucedida ("pequeno conhecimento da comunidade e vice-versa").

Iconha 2 - não respondeu ao "por que" não.

#### QUADRO VIII - ATIVIDADES NAS COMUNIDADES

EQUIPES	SIM	NÃO
Campinho	1	0
Rio Novo	0	1
Chaves	1	0
Iconha 1	1	0
Iconha 2	0	1
Olivânia	1	0
Jaguare	1	0
Km 41	1	0
Bley	0	1
TOTAL	6	3

As demais escolas declararam terem desenvolvido atividades nas comunidades:

Iconha 1 - reuniões e cursos "buscando a promoção das pessoas da comunidade, maior entrosamento da Escola com as comunidades e união das pessoas e das comunidades para resolver seus problemas". Isto foi alcançado "através de planejamento, discussões e reuniões".

Novamente aqui uma confusão entre meios e fins. O que a equipe "busca" é uma coisa, através de alguns meios (e os citados são apenas um princípio de conversa...). A aplicação destes meios, ainda insuficientes, não significa que os resultados tenham sido a união das pessoas e das comunidades "para resolver os seus problemas". Em que a equipe se baseia para afirmar isso?

Alfredo Chaves - Atividades na comunidade da sede: promoção de festas, concentração cívico-religiosa e festa de Sete de Setembro. A escola buscava harmonizar-se com a comunidade e alcançou isto comparecendo nas reuniões e colaborando nas atividades acima. A escola, antes disso, encontrava-se em desarmonia com a comunidade da sede? A harmonia foi alcançada através destas participações esporádicas? Há alguma relação mais intensiva entre escola e comunidade, que sirva para testar a aceitação e compreensão da escola junto às pessoas da comunidade?

Olivânia - Com algumas "diversões" procuravam uma maior aproximação entre Escola e Comunidade (especificamente entre alunos e jovens da comunidade e também monitores). A equipe considerou ter alcançado resultados razoáveis através das atividades citadas (quadrilha, teatro, bailes, futebol) e "não alcançamos melhores resultados por causa de problemas anteriores: o pessoal ainda vê o MEPES como sendo a LBA". Pergunta-se: o que foi feito em 3 anos para mudar a imagem de um trabalho em termos de conteúdo? Quais as diferenças entre MEPES e LBA? Se há diferenças, porque isso não foi explorado e explicado? Se não há diferenças, por que insistir com um tipo de trabalho que a população, pelo que disse a equipe, não aceita?

Jaguare - Cursos abrangendo o campo social e técnico, com o que "buscavam colaborar para um melhoramento neste sentido". Patrocinavam encontros nas comunidades, para "incentivar o pessoal, deixando a seu cargo a escolha do assunto de maior importância para a comunidade". A equipe diz ter alcançado tudo isso "executando as atividades que eram programadas pelas comunidades". A metodologia utilizada pela equipe, sem sabermos exatamente os resultados alcançados, parece bastante boa e acertada.

Km 41 - Aplicaram alguns meios, visando atingir alguns objetivos específicos, sem terem afirmado que foram alcançados, o que é bastante razoável. Ajudaram diretamente ao povo para que este percebesse e solucionasse os problemas da comunidade: organização do Mobra, campanha do filtro e do registro, cursos de economia doméstica.

---00000000---

CITAÇÕES referentes aos conjuntos 10 a 14:

"O mais natural para um movimento (MEPES) desta natureza será constituir-se em grupo de pressão que represente os interesses legítimos da população na qual surgiu. O Movimento está, de fato, construindo canais de comunicação entre as várias camadas da população. Aliás, bem dificilmente um partido poderá alcançar a representatividade que o MEPES já possui. Claro que será sempre neces

sário um relacionamento com homens do governo: este relacionamento não se fará através de uma facção política, mas sim fazendo-lhes perceber as tendências, necessidades e realizações da base, integrando-os na ação comum com a mesma". (CEAS - pág. 16 - "Análise crítica")

"Quanto à probabilidade de sucesso em gerar transformações profundas há, em princípio, alguns motivos de dúvida. Antes de tudo, o processo não envolve uma revisão da estrutura de poder: em sua ânsia de congregar todos para o esforço comum, apela, inclusive explicitamente, para a colaboração do poder estabelecido. E a 'filosofia' solidarista (aparentemente até em excesso) pode ser assimilada em forma de ideologia apaziguadora e fugir ao realismo dos fenômenos de poder, de dominação e da conseqüente necessidade de certos conflitos para superar a fase de estagnação.

"Por outro lado, fazendo apelo especialmente aos jovens e criando fortes vínculos na base das classes sociais, o movimento se transforma necessariamente em grupo de pressão. Sobre este ponto cabe perguntar-se qual será a reação das áreas políticas que detêm o poder local mais por tradição que por força de suas iniciativas: não poderiam elas reagir negativamente, manipulando os canais de poder de forma a impedir o desenrolar-se do processo?

"Estamos diante de dois perigos opostos: a ação insuficientemente transformadora, por demais 'tranquila', e a provocação de uma reação tal que acarrete a frustração. O equilíbrio (não a simples equidistância), numa situação dinâmica criada conscientemente, será a solução mais madura para a qual os 'adultos' que o Movimento visa formar se devem preparar.

"Trilhando este caminho, é claro que as comunidades que participam do Movimento assumirão uma consciência política, cada vez mais esclarecida, engajada e aberta às necessárias transformações". (CEAS, pág. 17).

NOTA: Estas duas citações são da parte que analisa o MEPES criticamente. Poderia se considerar o que está escrito como "filosofia aceita", ou que realmente o MEPES é isso ou aquilo. Trata-se de refletir sobre esta análise e ver se com ela concordamos ou discordamos, se o MEPES é, foi ou deveria ser ou não o que diz a crítica. E por que? Pensamos que vale a pena refletir sobre estas notas (assim como as outras) e tomar uma atitude concreta e consciente em relação a elas; seria (ou será) bastante pernicioso a cada um e a todo o Movimento permanecer indiferente à imagem do MEPES construída com nossa colaboração consciente ou inconsciente, no caso de permanecermos alheios ao que se diz, fala ou pensa. Em um caso somos sujeitos, agentes conscientes que trabalham em prol de objetivos por nós traçados e aceitos. Em outro caso somos objetos, instrumentos utilizados para atingir objetivos que não compreendemos ou não nos importa compreender, pois alguns os traçam e a nós compete executá-los sem pestanejar. Em qual dos casos cada um de nós se enquadra?

"Cada membro da equipe, junto com o coordenador, é responsável pelo relacionamento com as pessoas físicas e jurídicas que a escola tem". (Reg. Int. - 59).

---00000000---

#### 10. Escola e Comitês de Desenvolvimento

Somente 3 equipes disseram que a "escola ou alguém da equipe, em nome da escola, participou de algum comitê de desenvolvimento (ou comitê municipal)": Alfredo Chaves, Jaguaré e Km 41. Os membros destas três equipes disseram ter valido a pena participar porque facilitou o entrosamento da escola com a comunidade. As demais equipes responderam negativamente.

---00000000---

#### 11. Escola e Prefeitura Municipal

As equipes de Olivânia e, no norte, Jaguaré e Km 41, disseram que a Escola não relacionou-se com a Prefeitura respectiva por falta de condições dos dois lados ("nem nós procuramos o prefeito nem ele nos procurou" - Olivânia).

As outras tiveram algum relacionamento.

#### QUADRO IX - RELACIONAMENTO ESCOLAS - PREFEITURAS

EQUIPES	SIM	NÃO
Campinho	1	0
Rio Novo	1	0
A. Chaves	1	0
Iconha 1	1	0
Iconha 2	1	0
Olivânia	0	1
Jaguaré	0	1
Km 41	0	1
Bley	1	0
TOTAL	6	3

NOTA: As Prefeituras Municipais são de: Iconha (Campinho, Iconha 1 e 2), Rio Novo do Sul, Alfredo Chaves, Anchieta (Olivânia), São Mateus (Jaguaré e Km 41) e São Gabriel da Palha (Bley).



## 12. Escola e ACARES

Todas as escolas tiveram alguma relação com a ACARES.

Bley - "Ajudaram na divulgação da Escola e recrutamento de alunos" empréstimo de materiais; contatos pessoais; auxiliaram no curso (dando aulas). A equipe considerou o relacionamento "muito bom e proveitoso para a Escola e ACARES". Isso porque para a Escola auxiliou "no início de suas atividades". Da escola para com a ACARES; "difundiu sua política, melhorando assim seu campo de trabalho" (não conseguimos alcançar o que a equipe quis dizer com isso).

Olivânia - A ACARES colaborou com o experimento de feijão na escola; divulgação e ajuda (aulas) nos cursos de banana e arroz; incentivo aos agricultores na compra de calcário. O relacionamento foi "muito bom e proveitoso para a Escola e ACARES porque ajudou a Escola a se relacionar com certos agricultores que ainda não conhecia e vice-versa".

Jaguare - Ajuda nos cursos para agricultores. Orientação técnica. "Foi bom e proveitoso para a Escola porque foi mais uma questão de ajuda da ACARES para com a Escola".

Km 41 - Orientação de horticultura (uma palestra); doação de sementes; colaboração da extensionista num curso de higiene (uma palestra). "Foi bom e proveitoso para a Escola porque somente a Escola recebeu uma pequena colaboração da ACARES".

Rio Novo - "Houve uma colaboração mútua, porém a Escola auxiliou muito a ACARES". Foi "bom e proveitoso para a ACARES, porque a escola colaborou muito com o entrosamento da ACARES no meio rural, isto porque quando o seu escritório foi aberto em Rio Novo já existia a EPR".

Campinho - Colaborações da ACARES: cursos do PIPMO; empréstimo para a propriedade; dados técnicos; materiais e colaboração de assistência técnica aos agricultores. "Foi bom e proveitoso para a Escola e para a ACARES porque se alcançou o objetivo marcado". (qual foi o objetivo marcado?).

Iconha 2 - "Foi dada uma aula, pelo funcionário da ACARES, sobre fossa". "Foi bom e proveitoso para a Escola e para a ACARES porque: a) as alunas tiveram uma boa explicação sobre o assunto; b) deu oportunidade a ACARES em difundir conhecimentos de seu setor de trabalho".

Iconha 1 - Palestra do engenheiro para as alunas; empréstimo de material. "Não foi bom e foi pouco proveitosos para ambos porque o assunto deveria ser mais explanado e discutido".

Alfredo Chaves - Extensionista da ACARES colaborou com a Escola em serões; realização de cursos (com equipamentos) para agricultores e ex-alunos. "Colaboramos com a ACARES, possibilitando a eles fazerem atividades dentro do trabalho do MEPES; início de conversa para a realização de trabalho em conjunto".

Este relacionamento foi considerado "razoável" (nem bom nem mau) "e proveitoso para ambos porque ACARES e MEPES trabalham em planos diferentes".

Neste ponto, com ACARES, parece que o relacionamento atingiu uma maior profundidade em termos de que, em geral, houve uma troca de experiências e não um simples recebimento de favores. Entre tanto este relacionamento é algo que deve ser mais refletido, considerando-se a observação, feita embora por uma só equipe, de que: "ACARES e MEPES trabalham em planos diferentes" (Alfredo Chaves). Isso é algo que deve ser pensado pois, conforme um dirigente da ACARES, ambos, ACARES e MEPES, tem o mesmo objetivo: "o homem e o desenvolvimento da comunidade". Vale a pena refletir sobre o que significa a observação da equipe de Alfredo Chaves: "planos diferentes de trabalho" entre MEPES e ACARES.

---00000000---

### 13. Escolas e Vigários Locais

Duas equipes, Campinho e Rio Novo, disseram não terem mantido contatos com os vigários, fundamentalmente porque os vigários de ambas as paróquias não se adaptaram ao método das escolas (também nos trabalhos comunitários).

As outras equipes declararam terem mantido contatos com os vigários, em níveis diferentes.

### QUADRO X - RELACIONAMENTO ESCOLAS - VIGÁRIOS LOCAIS

EQUIPES	SIM	NÃO
Campinho	0	1
Rio Novo	0	1
Alfredo Chaves	1	0
Iconha 1	1	0
Iconha 2	1	0
Oliviana	1	0
Jaguare	1	0
Km 41	1	0
Bley	1	0
TOTAL	7	2

As equipes do Norte (Jaguare, Km 41 e Bley) tiveram "ótimo relacionamento" com os vigários locais (de São Mateus e São Gabriel da Palha). Em geral, porque ajudou as escolas na formação dos alunos e entrosamento nas comunidades respeitando a autonomia da Escola. "No decorrer do ano procurou manter sempre viva a presença da escola como um meio de desenvolvimento das comunidades, procurando integrar os trabalhos da escola nas atividades já executadas pela paróquia. "São idênticos os objetivos da Escola-família e da ação pastoral da paróquia" (Km 41).

Alfredo Chaves - O vigário deu algumas aulas de religião; facilitou a entrada dos monitores nas comunidades e houve participação conjunta em festas e curso em São Bento; participação na reunião de pastoral. O relacionamento foi considerado "regular" (nem bom nem mau) porque a "equipe não procurou melhor entrosamento" e, mesmo, não houve esforços recíprocos para isso.

Iconha 1 - "Palestra e aulas com as alunas". Relacionamento regular porque "não fez um planejamento e não seguiu os encontros até o final".

Iconha 2 - Essencialmente o mesmo que Iconha 1. "Ele (vigário) não é a pessoa indicada para dar orientação religiosa, por desconhecer a metodologia da escola-família (e, também) não houve bom relacionamento da equipe com ele (não houve condições de ambas as partes)".

Olivânia - O vigário deu incentivo para os cursos e deu um serão para os alunos. Relacionamento "regular porque: a) não foi feita uma programação juntamente com o vigário; b) o vigário era novo na paróquia".

-----000000000-----

#### 4. Relacionamento da Escola com outras Entidades

Rio Novo e Olivânia - não tiveram contato com outras entidades além das citadas (ACARES, Prefeituras, Paróquias).

Km 41 - Com o CEFOLIR (centro de Formação de Líderes Rurais) e Hospital (?). Em geral foi "ótimo" porque foi proveitoso para

Iconha 1 e 2 - PIPMO, LBA, Supervisão do Ensino Primário (Grupo Escolar). Iconha 1 achou "ótimo" e Iconha 2 "bom". As razões são as mesmas: a relação trouxe ajuda financeira para cursos. Iconha 2 acrescenta "contatos pessoais com membros destas entidades".

Alfredo Chaves - Cooperativa de laticínios de Alfredo Chaves e Guaçuá; Fazenda do Estado em Pedreira; posto agropecuário de A. Chaves; ABES; ACAR MG; Agrosuco. Em geral o relacionamento com estas entidades foi julgado como "bom" porque "houve bom aproveitamento e possibilitou mais contatos e conhecimento por parte da equipe, alunos e agricultores".

Bley - C.N.A.E. (?); Mobral; Igreja Luterana; Delegacia de Polícia; Seminário e Ginásio.

Estas ligações a equipe julgou, em geral, como "satisfatórias". Foram muito "superficiais e só existiram quando a Escola sentia necessidade".

Campinho - PIPMO, Banco do Estado, Supervisão do Ensino Primário, Arquidiocese da Zona Sul de São Paulo, Instituto Agrônomo de Campinas, Jesuítas de Itaipu (S. Paulo). Em geral, satisfatórios os relacionamentos, porque "obtivemos verbas, material, documentação, sugestões e hospitalidade".

Jaguare - Cooperativa. "Mau" relacionamento porque "houve muita programação entre Escola e Cooperativa, porém pouco se conseguiu realizar".

Evidentemente que houve vários níveis de "relacionamentos". Em geral o aspecto material, o receber coisas, é o que mais pesa para conceituar "relacionamento". É necessário refletir até que ponto estes relacionamentos envolvem, realmente, todas estas entidades em termos de conhecimento mais profundo do que seja uma escola-família.

#### 5. Relacionamento da Escola com o Secretário Executivo do MEPES.

NOTA: Em 1972 houve 2 secretários executivos: P. Humberto Pietrogrande até julho e CEBer Soldati de julho até 20 de dezembro. As referências indicam, entretanto, as relações somente com o segundo.

"A equipe precisa ter uma formação técnico-pedagógica exigida pelo trabalho. Cabe a cada membro procurar o aperfeiçoamento dentro de seu setor. A equipe mesma é responsável por este aperfeiçoamento e a Secretaria Executiva do MEPES facilitará o mesmo (Reg.Int. 44).

"Cada membro da equipe tendo as suas responsabilidades terá que responder por elas diante do Conselho Administrativo das Escolas-Famílias e da Secretaria Executiva do MEPES". (Reg.Int. 56).

"NOTA - Sempre, no encontro de Coordenadores, a Secretaria Executiva estará presente no mínimo (3) três horas". Relatório da Reunião dos Coordenadores em 13/3/72, em Iconha).

As equipes de Campinho, Alfredo Chaves, Iconha 1 e Iconha 2 disseram ter sido necessária a intervenção do Secretário Executivo na Escola por terem ocorrido alguns problemas.

Campinho - Os problemas foram de ordem disciplinar na equipe (v. item 3) e de ordem metodológica com o orientador religioso (P. Xavier).

O Secretário Executivo não resolveu os problemas porque "não teve decisão e o comportamento escolhido foi de esperar".

O relacionamento desta equipe com o Secretário Executivo foi "mau" porque houve "falta de comunicação, falta de compreensão e (falta de) participação dos problemas da escola".

Alfredo Chaves - Ocorreram problemas de ordem administrativa (com o tomador de conta da propriedade), disciplinar na equipe e em relação a aprovação de uma experiência nova na escola para 1973 (ficarem 1º e 2º ano juntos na escola e, na época e em que estivessem nas propriedades, seriam acompanhados por toda a equipe).

O Secretário Executivo resolveu o problema disciplinar na equipe, solução que foi aceita com compreensão por parte dos implicados. Os outros dois pontos (administrativo e experiência nova) não foram resolvidos e a equipe afirma não saber porque o Secretário Executivo não os resolveu.

O relacionamento da Escola com o Secretário Executivo foi julgado "mau" porque "a equipe não ficou satisfeita com as não-soluções"; porque "veio poucas vezes visitar a Escola (alunos e equipe); faltou ao compromisso marcado de visitar a escola para resolver alguns problemas".

Iconha 2 - Problemas disciplinares na equipe. Não foram resolvidos porque "apesar do Secretário Executivo ter conhecimento dos problemas graves na equipe da Escola Feminina, já estávamos no final do ano e o senhor secretário, por medida de prudência, achou mais proveitoso para a mesma não tomar nenhuma decisão a respeito, temendo piorar a situação". O relacionamento foi considerado "bom, porque nenhum elemento da equipe teve problema diretamente com o Secretário Executivo".

Iconha 1 - Problemas disciplinares na equipe. Dizem que o Secretário Executivo resolveu os problemas e a solução foi aceita com compreensão, após ser discutida na equipe (opinião oposta a de Iconha 2).

O relacionamento com o Secretário Executivo foi considerado "ótimo" porque: 1- O Secretário Executivo participou bastante, sempre dando assistência e resolvendo os problemas da escola com seriedade e compreensão; 2- os problemas encontrados foram levados em consideração; 3- quando solicitado compareceu às reuniões de pais, animando-os a colaborar e prestigiarem a escola; 4- deu ampla liberdade à equipe de planejar e executar o planejamento apresentado pela escola; 5- seu relacionamento com as alunas foi natural e espontâneo, sendo lembrado e solicitado pelas mesmas em atividades da escola (serões, cursos etc.); 6- o entrosamento com os monitores foi o melhor possível.

As outras equipes declararam não ter sido necessária a interferência do Secretário Executivo para problemas de quaisquer espécies.

QUADRO XI - RELACIONAMENTO ESCOLAS-SECRETÁRIO EXECUT.

EQUIPES	NECESSIDADE DA INTERVENÇÃO DO S. E. PARA SOLUÇÃO DE ALGUM PROBLEMA		TIPO DE PROBLEMA	RESOLUÇÃO DO PROBLEMA		RELACIONAMENTO COM O S. E. (**)				
	SIM	NÃO		SIM	NÃO	O	B	S	M	P
Campinho	1	0	Disciplinar (na equipe) e Método lógico (P. Xavier)	0	1	0	0	0	1	0
Rio Novo	0	1	-----	0	0	1	0	0	0	0
Alf. Chaves	1(*)	0	Administrativo, Disciplinar (na equipe) e Metodológico (exp. nova)	1 disc.	1 adm met	0	0	0	1	0
Iconha 1	1	0	Disciplinar (na equipe)	1	0	1	0	0	0	0
Iconha 2	1	0	idem	0	1	0	1	0	0	0
Olivânia	0	1	-----			0	1	0	0	0
Jaguare	0	1	-----			0	0	1	0	0
Km 41	0	1	-----			0	0	1	0	0
Bley	0	1	-----			0	0	1	0	0
TOTAL	4	5	-----	2	3	2	2	3	2	0

(\*) A equipe apontou três problemas. Quanto às soluções, disseram que um foi resolvido (disciplinar) e os outros dois não o foram (administrativo e metodológico-experiência nova). Daí terem respondido SIM e NÃO, conforme aparecem no quadro "Resolução do Problema".

(\*\*) Conceitos: O= Ótimo; B= Bom; S= Satisfatório; M= Mau; P= Péssimo

(\*\*\*) A equipe disse que houve "muito pouco" relacionamento, o que interpretamos como "satisfatório", julgamento padrão das outras duas escolas do norte.

Rio Novo - O relacionamento com o Secretário Executivo foi "ótimo porque há uma grande democracia nas decisões. Clareza nas coisas internas do MEPES".

Olivânia - Bom relacionamento com o Secretário Executivo porque "ele facilita bastante o diálogo. Nos parece bastante positivo na tomada de suas decisões, porém, para o ano, esperamos que dê uma maior assistência à escola de Olivânia".

Bey - O relacionamento foi "satisfatório" (nem bom nem mau) porque "só existe em relação ao trabalho, só sendo procurado pela equipe quando (esta) se sente necessitada".

Jaguare - Relacionamento "satisfatório (principalmente por causa da) distância que nos separa; sendo assim, não houve possibilidade de um diálogo maior e, se conversávamos, só se conversava o expressamente necessário, em tempos não muito adequados".

Ka 41 - Não qualificam o relacionamento. Dizem, somente, que foi "muito pouco".

As exigências de relacionamento com o Secretário Executivo são muito sérias. As exigências, em geral, se dão em torno da capacidade de decisão, do seu comportamento nas interferências que as escolas solicitaram para resolver uma série de problemas de toda ordem. Estes são aspectos que envolvem uma certa "autoridade". Mas também exige-se do S.E. uma participação em termos de diálogos, com a equipe e os alunos, interesse pelo dia-a-dia das escolas (visitas, assistência etc.) característica que, tirando-se o aspecto "autoridade", resulta numa verdadeira liderança da pessoa do S.E. Isto lhe exige clareza "nas coisas internas do MEPES" (como diz Rio Novo) e condições para liderar: autonomia, decisões tomadas com respaldo na "base" e que sejam cumpridas, sem grandes interferências de outros escalões que não sejam, realmente, porta-vozes das aspirações dos chamados "operadores" do MEPES. Tudo isso é muito difícil, como observamos a partir dos depoimentos das equipes, que se dividem em seus julgamentos deste "líder" ora apontando um defeito, ora apontando uma qualidade, procurando moldar a figura do líder, de acordo com as aspirações do conjunto, não aceitando, simplesmente, que este líder seja uma pessoa perfeita, acabada e imposta, sem maiores discussões.

.....ooo000ooo.....

## 16. Aproveitamento da Propriedade da Escola

### "9) Recursos:

f) Propriedade: - Cda EF consiste em um edifício escolar que compreende:

- uma sala de aula
- um laboratório
- .....etc. etc.
- serviços sanitários, mais o terreno para trabalho prático dos alunos, experiências e e auxiliar na manutenção da EF." (Reg. Int. - 9)

"Nos projetos de criações e plantios que as escolas fizerem, iniciaremos sempre com CONTEI CULTURAL, para serem apresentados, após o término do ciclo cultural e da criação, nos encontros das matérias e dos coordenadores". (Relatório da Reunião dos Coordena-

nos encontros das matérias e dos coordenadores". (relatório da Reunião dos Coordenadores, em Iconha, a 13/3/72).

Iconha 1 e 2 declararam não ter havido aproveitamento da propriedade porque "a escola não tem propriedade, apenas um pequeno quintal, que foi aproveitado para uma pequena horta e pequeno galinheiro".

Nas outras escolas houve aproveitamento da propriedade.

Campinho - plantios: verduras, milho, arroz e citros.  
criações: gado, galinhas e porcos.

A equipe disse ter sido um "bom" aproveitamento porque conseguiram "sistematizar a propriedade: drenagem, calagem; pagar as despesas iniciais e despertar o interesse da comunidade".

Alfredo Chaves - Aumento da capineira; compra de alguns bovinos para criação; criação de um lote de 150 frangos de corte; plantio de horta para consumo da escola e algumas vendas; experiência com citros e videiras.

Foi um "bom aproveitamento porque a equipe fez o máximo para poder aproveitar os recursos disponíveis; a escola capitalizou, apesar de ter poucos recursos".

Olivânia - A propriedade agrícola desta escola divide-se em "parte alta" e "parte baixa".

A parte baixa foi aproveitada com plantio de milho, feijão, arroz, alpin e inhame. Como a escola não dispõe de recursos para cultivar a propriedade, esta foi explorada por meeiros e terceiros.

A parte alta foi pouco explorada. Em uma pequena parte foram cultivadas hortaliças para consumo da escola. A equipe esperava uma verba para execução de alguns projetos aprovados: implantação de um bananal, de um laranjal, plantio de tomates e repolhos e uma criação de suínos.

O aproveitamento com meeiros e terceiros foi "bom" porque ocupou bastante mão de obra e ajudou na manutenção da escola. Como ponto fraco a equipe aponta o deficiente emprego de técnica, pois nem a escola nem os meeiros dispõem de recursos econômicos para compra de fertilizantes e corretivos".

Rio Novo - Horta, plantio de feijão, mandioca, milho, banana e formação de pastagens. Foi um aproveitamento "razoável" por falta de "capital e idéias claras daquilo que se quer com a propriedade. Além disso a equipe estava muito atarefada em outros setores, não podendo dar uma completa assistência na propriedade".

Jaguaré - Horta; plantações: mandioca, laranja, milho, soja, feijão de porco e preparação para um plantio de pimenta; jardim? arborização; mudas de plantas várias: eucalipto, casuarina, cipressus, pimenta etc.; cercas, seva (chiqueiro), garagem etc.; praça de esporte: futebol de salão, vôlei, futebol de campo.

O aproveitamento foi considerado "razoável por falta de condições financeiras, falta d'água e o clima e o solo não favorecem os plantios".

Km 41 - Horta; arborização; cercas.  
Razoável: falta de condições financeiras e técnicas.

Bley. Em pequena parte com horta, plantio de milho e amendoim.

Razoável: "dadá a possibilidade do que se podia fazer, foi aproveitada razoavelmente. Deu boa renda financeira".

Falaram dados concretos, que deveremos avaliar profundamente, mais tarde: área de cultivo, análise dos solos, culturas da região (conforme clima). Em 72 a tónica foi de aproveitamento razoável. Mas falaram muito para que as escolas se mantenham e possam comercializar o excedente em quantidades económicas satisfatórias (com pagamento dos custos de produção e lucros a serem reinvestidos e capitalizados). A falta de recursos não é somente económica. Foram acausadas, também, deficiências técnicas e falta de tempo, além de "falta de ideias claras daquilo que se quer com a propriedade". Acharmos que esta última deficiência é a mais importante, dentro do contexto do MEPES.

---00000000---

### 17. Orientação Religiosa nas Escolas

"Na inspiração ideológica que orienta o MEPES encontramos a seguinte afirmação: 'O MEPES não é a-religioso, mas pluri-religioso' ". (CEAS, pag. 26)

"Os documentos do Concílio Vaticano II insistem nesta linha; exigem o pluralismo na educação (Declaração sobre educação cristã 6,2; 7,2), pedem a cooperação dos cristãos com todos os homens de boa vontade (decreto sobre o apostolado dos leigos 14,2; decreto sobre a atividade missionária 12,2; Constituição sobre a Igreja no Mundo de Hoje 21,6; 57,1), bem como respeito pelas opiniões divergentes e pelos que professam ideias ou religiões diferentes (Constituição sobre a Igreja no Mundo de Hoje ~~21,6; 57,1~~ 75,5; 73,3). Sobre tudo na questão religiosa o Concílio declara que "a pessoa humana tem direito a liberdade religiosa" (Declaração sobre a Liberdade Religiosa 2)". (CEAS, pag. 26).

#### Do Regimento Interno.

"78) A Escola-família quer garantir a cada jovem a possibilidade de um crescimento global técnico-humano-espiritual, por isto friz a importância da formação humana.

"79) A formação humana é uma tarefa assumida pela equipe toda, junto com os alunos, pais, o Conselho Administrativo das EF, a comunidade, o vigário, a secretaria executiva do MEPES, além do orientador religioso.

"80) Os monitores aproveitarão de cada acontecimento para favorecer uma reflexão pessoal e grupal com os alunos, para juntos chegarem a uma capacitação aprofundamento espiritual e de integração da sua própria pessoa.

"81) O orientador religioso faz parte dos agentes educacionais. Ele é sugerido e nomeado pela Secretaria Executiva do MEPES.

"85) No interesse dos jovens, o orientador religioso deve estar a par dos métodos próprios das EF a fim de que a ação dele esteja na linha dessa pedagogia".

"Sente-se cada vez mais o problema da assistência religiosa nas escolas. Pede-se, portanto, a substituição atual"

tador religiosos (P. Xavier) porque: não cumpre os horários marcados; não satisfaz as exigências dos alunos; assistência religiosa fora da realidade, pouco tempo a disposição para cada escola; não tem uma programação, sua ação atrofia o pensamento criador do garoto.

Sugestões: precisa de uma pessoa que conheça a realidade e a metodologia da EF é que seja em função das escolas e suas atividades, exclusivamente". (Relatório da Reunião dos Coordenadores, em Iconha a 24/7/72).

Disse a equipe de Campinho: "não houve orientação religiosa na escola por falta de entendimento de Xavier com a equipe e vice-versa, num primeiro tempo; num segundo tempo a equipe deixou de lado o problema".

As outras equipes:

Olivânia e Rio Novo - Sim, houve orientação religiosa do P. Xavier. "Não integrou-se ao trabalho da equipe, mas não consideramos que isso tenha sido prejudicial. A orientação religiosa foi dada paralelamente as nossas atividades".

Alfredo Chaves - Orientação de P. Xavier, no primeiro período, com alguns encontros. Também o vigário local, P. Luiz.

"Não integrou-se ao trabalho da equipe achamos que isso tenha prejudicado nosso trabalho".

"Não se programou na equipe a orientação religiosa. O orientador religioso (P. Xavier) não satisfaz as necessidades dos alunos. Não tinha comunicação com a equipe e não seguiu a metodologia da escola".

Iconha 1 - A orientação foi dada pelos monitores o ano todo. Pelo P. Xavier e pelo Vigário (P. Assis) só no 1º semestre".

No panorama geral de atividades da escola a orientação religiosa "não integrou-se ao trabalho da equipe e achamos que isso tenha prejudicado o nosso trabalho, porque os problemas reais que necessitavam orientação religiosa, surgidos no Plano de Estudo, não foram enfrentados, porque eles (Xavier e Vigário) não participaram das atividades de planejamento da escola".

Iconha 2 - P. Xavier e P. Assis deram orientação em tempos diferentes e limitados. Acham que a orientação religiosa, no panorama geral de atividades da escola apresentou dois aspectos: ora "integrou-se razoavelmente com a equipe", onde "trabalhamos em conjunto, algumas vezes, em boas condições" ora "não integrou-se ao trabalho da equipe mas não consideramos que isso tenha sido prejudicial. A orientação religiosa foi dada paralelamente as nossas atividades".

Isto porque, "no início, houve aceitação do orientador religioso por parte da equipe da escola. No 2º semestre começou a encontrar dificuldades no entrosamento, apesar de varias tentativas do orientador. Houve queixas das alunas e de seus pais a respeito da falta de um orientador religioso na escola".

Jaguare e Km 41 - Tiveram orientação religiosa por parte do vigário local, P. Aldo Luchetta. A equipe de Jaguaré diz que "integrou-se razoavelmente com a equipe". Trabalham em conjunto algumas vezes, e em boas condições". A equipe ressalta que o relacionamento com P. Aldo foi ótimo, porém "houve dificuldade nas ligações com as materias".

A equipe do Km 41 diz que a orientação religiosa, no panorama geral das atividades da escola "integrou-se com a atividade da equipe, desenvolvendo-se um trabalho conjunto em ótimas condições".

Bley- Não respondeu a esta parte do questionário.

QUADRO XII - ORIENTAÇÃO RELIGIOSA NAS ESCOLAS E PASTORAL.

EQUIPES	ORIENTAÇÃO RELIGIOSA		JULGAMENTO DAS EQUIPES (**)					ATIVIDADE DE CUNHO PASTORAL	
	SIM	NAO	1	2	3	4	5	SIM	NAO
Campinho	0	1						0	1
Rio Novo	1	0	0	0	1	0	0	0	1
Alf. Chaves	1	0	0	0	0	1	0	0	1
Iconha 1	1	0	0	0	0	1	0	0	1
Iconha 2	1	0	0	1	0	0	0	0	1
Olivânia	1	0	0	0	1	0	0	0	1
Jaguareé	1	0	0	1	0	0	0	1	0
Km 41	1	0	1	0	0	0	0	1	0
Bley	(*)								
TOTAL	7	1	1	2	3	2	0	2	6

(\*) Bley - não respondeu toda esta parte do questionário.

(\*\*) Julgamento das equipes; opção para apontar uma das seguintes alternativas - A orientação religiosa, no panorama geral de atividades da escola:

1. Integrou-se com a atividade da equipe, desenvolvendo-se um trabalho conjunto em ótimas condições.

2. Integrou-se razoavelmente com a equipe. Trabalhamos em conjunto, algumas vezes, e em boas condições.

3. Não integrou-se ao trabalho da equipe, mas não consideramos que isso tenha sido prejudicial. A orientação religiosa foi dada paralelamente as nossas atividades.

4. Não integrou-se ao trabalho da equipe e achamos que isso tenha prejudicado nosso trabalho.

5. Não integrou-se ao trabalho da equipe. Isso, por si só, já atrapalhou bastante nosso trabalho.

## 18. ESCOLA E PASTORAL

" A experiência (MEPES) parece muito interessante e promissora. Do ponto de vista pastoral pode significar toda uma nova linha de evangelização, a partir da afirmação inicial da liberdade e do pluralismo". (CEAS, pag. 27)

Nenhuma escola do sul participou de atividades, nas comunidades, de cunho pastoral. A resposta, quase unânime, é simples: não existe atividade de cunho pastoral. A equipe de Olivânia diz não ter pensado num meio de participação a esse respeito e, mesmo, o trabalho de pastoral está no início.

A equipe de Alfredo Chaves deu diversas opiniões. Alguns disseram que na "paróquia não houve trabalho pastoral progressista (sem definir o que isso possa significar) e também que "não houve preocupação (da equipe) de integrar-se na atual pastoral (missas e procissões)".

O "forte" foi no norte:

Jaguare - Tanto alunos como monitores participaram de encontros promovidos pela paróquia e procurou integrar as atividades comunitárias dos trabalhos da paróquia.

A escola, com isso, pretendia aproveitar o que já existia e buscar um aprimoramento pessoal, pretensões que a equipe diz terem sido atingidas.

Km 41 - A escola integrou-se em cursos de catequistas e de jovens. Buscavam integrar-se na ação pastoral, pretensão que foi atingida.

Bley - Não respondeu esta parte.

Algumas observações finais: devemos refletir, sobre estes últimos itens, a respeito de alguns pontos interessantes, que são: a) as diferenças de relacionamento com vigários no sul e no norte; b) diferenças de julgamento em relação à orientação religiosa no sul e no norte; c) presença de um trabalho pastoral no norte, enquanto no sul nota-se uma solene ausência; d) não ocorrência, nas escolas, de nenhuma outra orientação religiosa (protestante e outras que não exclusivamente a católica).

\*\*\*!=====+++++++=====\*\*\*

Aqui encerramos nosso trabalho. Ele poderá ter algum valor se for realmente lido, refletido, discutido e contestado ou apoiado. A maioria da avaliação foi feita pelas próprias equipes. Tratamos somente de organizá-la, compará-la (entre as escolas) e apresentá-la de uma forma compreensível. Fizemos algumas observações, além das feitas pelas equipes. Sobre estas seria interessante que tivéssemos um parecer das equipes. São boas? Ruins? Inverídicas? Depois de uma criteriosa leitura as equipes poderão julgar.

Obrigado.

Alberto P. de Albuquerque

Anchieta, fevereiro-março de 1973.

## A N E X O

### METODOLOGIA DA AVALIAÇÃO

A presente avaliação foi feita a partir da análise de alguns dados levantados através de um questionário. A cada uma das 8 equipes das escolas-famílias foi entregue um questionário, a ser respondido em conjunto, pela equipe. (No entanto, recebemos 9 questionários preenchidos: a equipe da Escola-família de Economia Doméstica de Iconha bipartiu-se. As razões de tal atitude são dedutíveis no decorrer da análise).

O questionário compreendeu 106 perguntas; as perguntas foram divididas em 18 conjuntos distintos, mas que fazem parte do todo que é cada escola-família.

Os 18 conjuntos são aqui analisados, um por um, mostrando várias facetas de cada escola. As perguntas feitas são de dois tipos: 1) fechadas, em que a equipe apontou suas respostas dentro de alternativas dadas, colocando um "X" no quadrado correspondente ao entender da equipe (ou apontando alternativas, em ordem de importância, como nas perguntas 17 e 20). As perguntas "fechadas" foram feitas tanto em termos de "sim" ou "não", como também pediu-se respostas dentro de escalas de valores extremos (por exemplo: ótimo, bom, satisfatório, mau, péssimo); 2) perguntas "abertas", em que a equipe respondeu livremente, com palavras próprias que expressassem suas ideias e não limitados a concordarem (ou não) com a redação do pesquisador. Estas perguntas estão, na maioria das vezes, intimamente relacionadas com as fechadas, complementando-as ou justificando-as.

As perguntas "fechadas", após serem codificadas; segundo um critério quantitativo, foram agrupadas (18 conjuntos). Dentro de cada grupo (ou conjunto) foram verificadas quantas respostas foram coincidentes nas várias equipes. Estas respostas coincidentes foram reagrupadas (dentro de cada conjunto). Portanto, dentro de cada conjunto há vários sub-conjuntos (de 2 até 5 sub-conjuntos, ou seja, as 8, ou melhor, 9 equipes que responderam, num dado conjunto poderiam ser unânimes nas respostas, o que não ocorreu; ou 2 grupos, onde 4 equipes responderam de uma forma e as outras 5 de outra forma = 2 sub-conjuntos; ou 3 grupos, onde, por exemplo, 3 responderam coincidentemente de uma forma, outras 4 de outra forma e outras de outra forma diferente das anteriores = 3 sub-conjuntos, e assim por diante). Esses sub-conjuntos foram analisados, posteriormente, a luz das complementações ou justificativas prestadas pelas respostas "abertas" respectivas.

Introduzindo as análises de cada conjunto, foram feitas algumas citações referentes aos assuntos tratados. Estas citações foram extraídas de documentos que orientam as atividades do MEPES (ou deveriam orientar) teórica e praticamente. São os documentos: 1) O caderno nº 8 do CEAS, dedicado ao MEPES ("Chance aos Agricultores" - Salvador, Bahia, outubro de 1970); 2) O "Regimento Interno das Escolas-família Rurais do MEPES. Foram feitas, também, algumas citações sugestivas, extraídas dos relatórios das reuniões mensais dos coordenadores das EF em 1972.

A finalidade destas citações é colocar, frente ao que foram as EF em 1972, aquilo que deveriam ser as EF segundo os ditos documentos. É o confronto de teoria e prática; é o que nos obriga a refletir sobre nossa ação.

APA

Anchieta - Fev.Mar. - 1973